



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**SAYONARA MELO COSTA**

***SELF NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: A CONSTRUÇÃO DO EU VIRTUAL***  
**NAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM**

**FORTALEZA**

**2018**

SAYONARA MELO COSTA

*SELF* NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: A CONSTRUÇÃO DO EU  
VIRTUAL NAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Araújo

FORTALEZA  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C875s Costa, Sayonara Melo.

SELF NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: : A CONSTRUÇÃO DO EU VIRTUAL NAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM / Sayonara Melo Costa. – 2018.

100 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo.

1. Presentificação. 2. Pragmática. 3. Enunciação. 4. Redes Sociais. I. Título.

CDD 410

---

SAYONARA MELO COSTA

*SELF* NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: A CONSTRUÇÃO DO EU VIRTUAL NAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Dr. Júlio César Araújo (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Dr. Vicente de Lima-Neto  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

---

Dr. Lucineudo Machado Irineu  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Dra. Áurea Suely Zavam  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A meus alunos(as) e ex-alunos(as) da rede pública municipal, que fazem com que tudo que foi aprendido na academia encontre um sentido.

## AGRADECIMENTOS

Esta tese não teria sido possível sem o apoio de:

Meu companheiro de todas as horas Joel Camilo que, mesmo diante das minhas piores versões, nunca desistiu;

Meu orientador, Júlio Araújo, que ficou ao meu lado apesar das turbulências que o caminho nos apresentou;

As professoras Rosemeire e Áurea Zavam, que se mostraram sobretudo humanas;

O professor Ricardo Leite, que moldou minha concepção de Linguística;

O professor Messias Dieb, cujas observações sempre perspicazes foram decisivas para que esta pesquisa acontecesse;

Os amigos Lorena, Rafael e Leidiane que vivenciam a microgenialidade cotidiana e para o quais o fazer acadêmico se confunde com a doçura das conversas e dos sorrisos;

O professor Vicente Lima-Neto, primeiro contato que tive com a pós-graduação, me acolhendo com alegria e generosidade, quando eu ainda sonhava em entrar no mestrado. E hoje, me devolve ao mundo como doutora (tenho fé!), com a mesma simpatia e generosidade de antes.

Obrigada, Neto, que nossos caminhos sejam sempre lúcidos e prósperos;

O professor Lucineudo Machado, que enriqueceu esta tese com sua leitura que me inspira pensamentos e atitudes positivas desde 2004;

O professor Ricardo Jorge, que trouxe seu olhar de comunicador para a banca de defesa;

As amigas Marcilene e Marilde, com as quais compartilhei boa parte desse percurso, que se tornou mais leve quando dividido com elas;

Oxóssi, okê arô!;

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que me concedeu uma bolsa de pesquisa;

E todos aqueles que, sempre ou em algum momento, me desejaram ventura.



## RESUMO

A presente pesquisa volta-se para a atuação dos usuários da rede social Facebook no que diz respeito aos mecanismos que estes mobilizam no intuito de construir um eu virtual, a partir do qual interagem entre si, labor que, neste trabalho, denominamos presentificação. Amparados pela Pragmática Linguística e pelo Interacionismo Simbólico, presentes nas formulações de Goffman (2011), compreendemos o Facebook como um palco no qual os atores sociais executam performances para uma plateia onipresente, capaz de validar ou desencorajar projetos enunciativos que os indivíduos fazem de si mesmos. Para tanto, elegemos como categorias de análise a construção das fachadas sociais (GOFFMAN, 2011) a partir das quais esses atores se representam, os mecanismos de polidez linguística (BROWN E LEVINSON, 1978; 1987) mobilizados para a manutenção dessas fachadas e o capital social (PUTNAM, 1993) resultante desse movimento. Tomando como amostra um grupo de seguidores da fanpage O Lugar, observamos os usos que estes fazem dos recursos de autoapresentação oferecidos pelo Facebook, enquanto itens constitutivos de suas fachadas virtuais. Em seguida, analisamos o conteúdo escrito dos comentários deixados pelos sujeitos nas postagens da fanpage e, por fim, consideramos o número de reações, respostas e compartilhamentos atingidos por estas postagens e seus comentários. Os resultados revelaram uma estreita relação entre fachada e capital social, bem como indícios de uma coerência expressiva oriunda do projeto enunciativo praticado por grande parte dos sujeitos observados. Constatamos ainda que os mecanismos de polidez linguística foram empregados no intuito de minimizar possíveis danos às fachadas construídas, reforçando aspectos positivos do eu presentificado. Dessa forma, quanto mais bem-sucedido o projeto enunciativo e sua defesa, maior o capital social relacionado àquele perfil, o que confere ao eu virtual a validação de si mesmo e o potencial para influenciar as redes das quais participa.

**Palavras-chave:** Presentificação. Pragmática. Enunciação. Redes Sociais.



## ABSTRACT

This research aims to analyze social media users' acting on Facebook concerning the mechanisms they activate to construct a virtual self, from which they interact with others. We call this phenomenon "presentification". Based on Linguistic Pragmatics and Symbolic Interactionism (GOFFMAN, 2011), we understand that Facebook is a stage where social actors perform to an omnipresent public, which can validate or discourage enunciative projects that individuals make about themselves. Therefore, we selected the social façade construction (GOFFMAN, 2011), the mechanisms of linguistic politeness (BROWN e LEVINSON, 1978; 1987) activated to keep these façades on, and social capital (PUTNAM, 1993) accrued from this movement as analytical categories from which the actors represent themselves. The analytical corpus is the production of a group of followers of the Facebook fan page O Lugar, and we analyzed the uses of the self presentation resources offered by that platform as constructive items for their virtual façades. Then we analyzed the written content of the comments from these individuals to posts of the fan page, and finally we considered the number of reactions, answers and sharing to these posts and comments. The results show a strict relation between social façade and social capital, as well as an expressive coherence originated from the enunciative project practiced by part of the observed individuals. Furthermore, the mechanisms for linguistic politeness were employed to minimize possible damages to the façades constructed, which reinforces positive aspects of the self presented. Thus, the more successful the enunciative project and its defense are, the more related to that profile the social capital will be. This characteristic confers to the virtual self the validation of individuals themselves and the potential to influence the network of which they are part.

**Keywords:** Presentification, Pragmatics, Enunciation, Social Media.

## RÉSUMÉ

Cette recherche analyse les actions des utilisateurs du réseau social Facebook vis-à-vis des mécanismes qu'ils mobilisent pour construire un "moi" virtuel, à partir duquel ils interagissent les uns avec les autres, ce que l'on appelle "présentification". Soutenu par la Pragmatique Linguistique et l'Interactionisme Symbolique, présents dans les formulations de Goffman (2011), on comprends que le Facebook est une scène où les acteurs sociaux jouent leur rôles devant un public omniprésent, qui peut valider ou décourager des projets énonciatifs que les individus font d'eux-mêmes. Par conséquent, on a choisi comme catégories d'analyse la construction de façades sociales (GOFFMAN, 2011) d'où ces acteurs se représentent eux-mêmes, les mécanismes de la politesse linguistique (BROWN E LEVINSON, 1978; 1987) activés par la maintenance de ces façades, et le capital social (PUTNAM, 1993) résultant de ce mouvement. Le corpus est composé par la production d'un groupe d'adeptes à la fan page au Facebook O Lugar, et l'on analyse comment ces individus usent les ressources d'autoprésentation disponibles au Facebook, comme des articles qui composent ses façades virtuelles. Après, on analyse le contenu écrit des commentaires des individus aux messages de la fan page et, enfin, on considère le nombre de réactions, réponses et partages de ces messages et des commentaires. Les résultats ont révélé une relation étroite entre façade social et capital social, autant que des indices d'une consistance expressive venue du project énonciatif pratiqué par la plupart des individus analysés. Plus, on a trouvé que les mécanismes de politesse linguistique ont été utilisés pour minimiser des dommages possibles aux façades sociales construites, ce que renforce des caractéristiques positives du self présent. De cette façon, plus le projet énonciatif et sa défense sont couronnés de succès, plus le capital social est lié à ce profil là. Cela donne au self virtuelle l'auto-validation des individus et le potentiel d'influencer les réseaux auxquels ils participent.

**Mots-clés:** Présentification, Pragmatique, Énonciation, Média Sociaux.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Representação gráfica de uma rede social .....	31
Figura 2 – Grafo das palavras relacionadas a ‘Nordeste’ no Twitter logo após o resultado da eleição presidencial de 2014 .....	33
Figura 3 – Categorias de fachada, segundo Goffman (2011) .....	37
Figura 4 – Página inicial do site olugar.org .....	56
Figura 5 – Fanpage dO Lugar no Facebook .....	56
Figura 6 – Postagem com comentários .....	58
Figura 7 – Postagem matriz do trimestre 1 .....	62
Figura 8 – Postagem matriz do trimestre 2 .....	63
Figura 9 – Postagem matriz do trimestre 3 .....	64
Figura 10 – Postagem matriz do trimestre 4 .....	65
Figura 11 – Exemplo de perfil .....	67
Figura 12 – Apresentação de T1_P12 .....	75
Figura 13 – Apresentação de T3_P2 .....	75
Figura 14 – Apresentação de T1_P9 .....	76
Figura 15 – Apresentação de T1_P10 .....	78
Figura 16 – Perfil T4_P1 .....	80
Figura 17 – Perfil T2_P8 .....	81
Figura 18 – Perfil T2_P6 .....	82
Figura 19 – Perfil T2_P19 .....	83
Figura 20 – Perfil T3_P2 .....	84
Figura 21 – Exibição de comentários no Facebook .....	86
Figura 22 – Comentário T1_P4_C .....	87
Figura 23 – Comentário T1_P5_C .....	88
Figura 24 – Comentário T2_P5_C .....	88
Figura 25 – Comentário T2_P2_C .....	89
Figura 26 – Comentário T1_P6_C .....	89
Figura 27 – Edição de comentário T3_P6_C .....	90
Figura 28 – Comentários T2_P33_C .....	90
Figura 29 – Comentário com emoticon .....	91
Figura 30 – Perfil T4_P11 .....	94
Figura 31 – Perfil T2_P22 .....	94

## **LISTA DE QUADROS E TABELAS**

Quadro 1 – Desmembramento da face (BROWN E LEVINSON, 1987) .....	50
Tabela 1 – Organização das postagens em função do tempo e do capital social .....	60
Tabela 2 – Postagens matrizes do corpus .....	61

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
2	<b>ASPECTOS TEÓRICOS I: O EU ENUNCIADO</b> .....	22
2.1	Subjetividade e Pós-Modernidade .....	22
2.2	A subjetividade enunciada.....	27
2.2.1	<i>Benveniste e a enunciação linguística</i> .....	28
3	<b>ASPECTOS TEÓRICOS II: O EU POSTADO</b> .....	31
3.1	Redes sociais da internet.....	31
3.2	Perspectiva dramatúrgica.....	34
3.3	Presentificações do eu virtual.....	39
4	<b>ASPECTOS TEÓRICOS III: O EU CONECTADO</b> .....	43
4.1	O eu e o outro.....	43
4.2	Capital social em RSI.....	44
4.3	Polidez linguística e preservação de faces .....	48
5	<b>METODOLOGIA</b> .....	52
5.1	Caracterização da pesquisa .....	52
5.2	Delimitação do universo.....	53
5.3	Coleta, triagem e composição do <i>corpus</i> .....	54
5.3.1	<i>O Lugar</i> .....	55
5.3.2	<i>Os sujeitos</i> .....	57
5.3.3	<i>As postagens</i> .....	59
5.3.4	<i>Os dados</i> .....	66
5.4	Categorias de análise.....	68
5.5	Procedimentos de análise.....	70
6	<b>ANÁLISE</b> .....	72
6.1	A instauração do eu virtual por meio da fachada social.....	72
6.1.1	<i>Aparência</i> .....	73
6.1.2	<i>Maneira</i> .....	79
6.2	A polidez linguística como mecanismo protetor da fachada social.....	85
6.3	Capital social e legitimidade.....	92
7	<b>CONCLUSÃO</b> .....	96
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	98

## 1 INTRODUÇÃO

Em maio de 2014, correu pelos veículos de comunicação uma notícia<sup>1</sup> que causou estranheza tanto pelo ineditismo quanto pelos questionamentos que inspirou: o advogado espanhol Mario Costeja ganhou, na justiça, o direito de ser esquecido. Em solicitação feita ao Google, o requerente pediu que fossem apagados das buscas no site resultados que fizessem menção a um episódio do passado, no qual o seu nome era mencionado em um caso de leilão de bens por dívida com o governo. Todavia, a ação gerou um efeito contrário e de proporções bem maiores, uma vez que Mario tornou-se ainda mais popular, desta vez, como aquele que venceu o Google e teve o direito de editar a narrativa de sua própria vida segundo a internet. Incontáveis textos e notícias foram publicados sobre o caso, cada um deles fazendo menção exatamente ao fato que o espanhol tanto lutou para esquecer. Sua presença, em vez de ser apagada, multiplicou-se a perder de vista.

O fato narrado acima é apenas um exemplo de como nossas ações e relações são ressignificadas quando ambientadas no contexto digital. O advento da internet colocou-nos diante de questões complexas, relacionadas às relativizações que esse espaço nos proporciona, seja no que diz respeito ao tempo, ao espaço ou à própria condição de ser. Novas formas de agir, de interagir, de fazer-se presente e, por que não dizer, de morrer, foram criadas. Nossa materialidade e subjetividade são convertidas em dados e espalhadas pelo infinito de possibilidades que se descortinam por trás de um simples link. O armazenamento desses dados e a possibilidade de acessá-los a qualquer momento faz desse espaço uma espécie de labirinto de espelhos, no qual, uma vez introduzida, nossa imagem se propaga indefinidamente. É nesse espaço fisicamente delimitado e ao mesmo tempo infinito que as marcas impressas por Costeja não se deixam apagar, dando à sua presença um status de fato consumado e não mais de um estado circunstancial.

Esse viés multiplicador da internet transformou-a em um fértil campo de pesquisa para diversas áreas que se dedicaram ao estudo científico dos fenômenos decorrentes dessa ressignificação, na qual o meio digital nos insere. Nas Ciências Humanas, a agenda de estudos contempla temáticas que vão desde os efeitos políticos e econômicos da influência da internet em nossas vidas (MITOZO, 2013; MARQUES E MONT'ALVERNE, 2013) até questões relacionadas à língua e à aprendizagem (RIBEIRO, 2012, PAIVA, 2012, ROJO, 2013).

---

<sup>1</sup> Disponível em <<http://goo.gl/oQ0S59>>. Acesso em 15 jan. 2015.

Também atentando para o poder ressignificador que as práticas discursivas ambientadas na internet oferecem aos seres humanos, em nossa pesquisa de mestrado (COSTA, 2012), observamos a reelaboração de gêneros textuais empreendida pelos usuários do Twitter no intuito de tornar suas postagens mais atrativas, em detrimento da escassez de espaço característica dessa rede social. A análise desse fenômeno mostrou que, naquela ocasião, os atores dessa rede mobilizavam padrões genéricos específicos com o objetivo de comporem, de forma atrativa, narrativas de si mesmos, dando origem a novos arranjos genéricos que passavam a fazer parte do repertório da comunidade. O notório desejo de mostrar-se de forma divertida, conquistando a atenção e a aprovação dos demais usuários chamou nossa atenção, gerando questões acerca da origem e da finalidade desse investimento discursivo. Ao seguirmos as pistas deixadas por esse percurso é que chegamos ao fenômeno das presentificações do eu virtual, ideia que sustenta esta tese.

Tomado o ponto de partida da nova jornada, seguimos fazendo as escolhas que permitiram circunscrever o objeto de estudo. Para os fins dessa tese, direcionamos, mais uma vez, nosso olhar para as redes sociais da internet<sup>2</sup> (BOYD E ELLISON, 2007), temática que, a princípio, quando tratava apenas da análise de redes sociais off-line, compunha a agenda de estudos das Ciências Sociais, mas que vem se revelando profícua em diversos outros nichos<sup>3</sup>, devido à efervescência de fenômenos e questionamentos que suscita.

Nossa opção pelas RSIs enquanto universo da pesquisa deve-se, do ponto de vista científico, à possibilidade de observação da presentificação<sup>4</sup> dos sujeitos nesses espaços online a partir de uma perspectiva linguística, especialmente no que diz respeito à relação que estabelecemos entre presentificação e enunciação linguística (BENVENISTE, 2005, 2006). Devido à sua função primordial de conectar pessoas, esses espaços virtuais contam com a inserção e participação dos usuários por meio de perfis, os quais manipulam e dos quais partirão suas interações nesses espaços. É nesse movimento de fazer-se presente dentro da rede que identificamos o fenômeno da presentificação, do qual trata este estudo.

As redes sociais da internet são espaços virtuais pensados para formar, abrigar e manter laços sociais entre os usuários desses construtos. Recuero (2009), ao tratar dos sites

---

<sup>2</sup> Doravante, RSI.

<sup>3</sup> Superados os momentos iniciais de dúvida e desconfiança diante do novo, as reflexões voltadas para o impacto da tecnologia nas rotinas humanas proliferaram em diferentes nichos, como na Psicologia (COLVARA, 2013), na Linguística (LIMA-NETO, 2014), na Economia (MAGALHÃES, 2013), nas Ciências Políticas (MITOZO, 2013), entre outros.

<sup>4</sup> Compreendemos como presentificação a ação de instaurar a existência do eu virtual em um lugar virtual. Essa instauração se dá através da criação de um perfil e se mantém nas interações que partem dele. Essa problemática será retomada e discutida no Capítulo 3, tópico 3.3.

direcionados para o estabelecimento de redes sociais, classifica-os como espaços que permitem o estabelecimento de um perfil digital, a criação e manutenção de laços entre esse e outros perfis e a publicização dessas conexões. Atualmente, a evolução da tecnologia móvel possibilitou o desenvolvimento de aplicativos para tablets, smartphones e smart TVs nos quais é possível acessar as redes sociais sem o auxílio do navegador e sem recorrer a sites. Nessa categoria, enquadram-se serviços como o Facebook, o Twitter, o Instagram, Google +, o LinkedIn e o já extinto Orkut, que são espaços criados especialmente com esse objetivo e que se autointitulam redes sociais. Já outros espaços, como Youtube, Moodle e outros, possuem finalidades híbridas, configurando-se como redes sociotécnicas (LATOURE, 1994; COSTA, 2016).

Diante desse cenário, observamos a proliferação de reflexões que se debruçam sobre o protagonismo dos usuários desses espaços virtuais, lançando questões sobre as relações que estes estabelecem entre si e com a rede, ou ainda, de como essa ressignificação do estado de ser altera a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e ao mundo.

O ponto de partida para as reflexões que se centram no usuário da rede social é o **perfil**, que, segundo o Vocabulário Platino das Redes Sociais<sup>5</sup>, pode ser definido como ‘conjunto de dados pessoais e biográficos que, opcionalmente, cada usuário publica em uma rede social, com o fim de dar-se a conhecer ao resto dos usuários’. Ao construir um perfil, o indivíduo instaura sua presença naquela rede social, apresentando a si mesmo para que os demais participantes o conheçam e a ele se conectem. Dessa forma, o perfil do usuário de redes sociais pode ser considerado como um ponto de ancoragem, a partir do qual é possível dar-se a conhecer, conhecer outros atores, conectar-se a eles e ainda atualizar-se a partir dessas conexões. Neste trabalho, denominamos presentificações do eu virtual esse conjunto de ações, que sustentam a existência dos indivíduos no tempo e no espaço virtuais.

Da Psicologia Social, convocamos então o pensamento de Goffman (2011), por tratar-se de um estudioso de olhar multifacetado, situado na fronteira entre o social e o linguístico, especialmente no que diz respeito aos estudos de viés pragmático amparados no Interacionismo Simbólico e na Sociolinguística Interacional. Conceitos como *footing* e *face working* compõem a agenda de estudos da Pragmática Linguística graças a esse autor.

Sociólogo e antropólogo, Goffman dedicou-se ao estudo das formas pelas quais o sujeito constrói identidades em meio a diferentes contextos de interação. Suas pesquisas

---

<sup>5</sup>Projeto que se volta para as definições de termos específicos das RSIs. Criado pelo Centro de Terminologia da Catalunha (Termcat), com a participação de linguistas do Brasil, Canadá, Espanha, Itália, México e Portugal, reúne 114 termos referentes às redes sociais, especialmente Twitter e Facebook, e pode ser acessado no link: <http://goo.gl/wf00a5>



voltaram-se para dois eixos, o das interações em espaços singularizados, como conventos, presídios, manicômios e asilos<sup>6</sup>, e o das interações cotidianas<sup>7</sup>, no qual encontramos os pressupostos que baseiam esta tese.

A construção de perfis em redes sociais envolve a manipulação de recursos que vão desde a inserção de imagens e textos, até o posicionamento ideológico ante conteúdos compartilhados, produtos oferecidos, opiniões solicitadas, entre outros. Todas essas marcas contribuem para o fortalecimento da persona ali moldada, podendo ainda assumir diferentes contornos, que variarão de acordo com o projeto enunciativo adotado. Em geral, tendem a manter uma relativa estabilidade, batizada por Goffman como coerência expressiva.

Segundo o autor, as interações sociais assemelham-se a um espetáculo, compreendendo a vida cotidiana por meio de uma grande metáfora teatral, na qual os sujeitos seriam atores aptos a desempenhar diferentes papéis, a depender do contexto no qual estão inseridos. Essa encenação conta ainda com uma plateia, composta por aqueles que presenciam essa *performance*, fazendo ou não, parte dela; e com um palco, que pode ser entendido como os espaços sociais prototípicos nos quais esses microdramas se desenrolam. A partir desse tripé ator-palco-plateia, Goffman (2011) propõe uma série de categorias no intuito de descrever toda a estrutura envolvida na encenação.

Um aspecto salutar dessa teoria, que contribuiu bastante para sua escolha enquanto referencial teórico desse trabalho, foi o postulado de que o eu só passa a existir no meio social a partir do momento em que se materializa em *performances*, cujo conjunto Goffman chamou de *self*<sup>8</sup>. Em nossa compreensão, os usuários de RSIs, enquanto sujeitos agentes no meio off-line, só poderiam presentificar-se no meio virtual a partir dos signos que mobilizam, dando a ver apenas o que de si desejam mostrar, disponibilizando para os demais o que de si pode ser comportado no espaço e nas possibilidades que a RSI oferece para o perfil. Assim, compreendemos que, no contexto das redes sociais, os perfis dos atores sociais equivaleriam às *performances* dos atores de Goffman, também fazendo uso de papéis socialmente reconhecidos e mobilizando para isso um aparato cenográfico oferecido pelo próprio espaço virtual.

Ao propormos as presentificações do eu virtual como um fenômeno passível de análise pelo viés linguístico, amparamos nosso raciocínio nos estudos que compreenderam a língua enquanto espaço para inscrição de subjetividades, fazendo dela meio e matéria para esses fatos. Nessa perspectiva, espelhamos nossas formulações naquilo que pensou Benveniste (2005,

---

<sup>6</sup>Manicômios, prisões e conventos, de 2001 e Estigma, de 1980.

<sup>7</sup>A representação do Eu na Vida Cotidiana, 2011.

<sup>8</sup> Os conceitos de *self*, mim e eu serão explicitados e debatidos no Capítulo 3, tópico 3.1

2006), ao propor o aparelho formal da enunciação como mecanismo pelo qual o sujeito postula a si mesmo e ao outro no discurso.

Mantidas as devidas proporções temporais e tecnológicas, nosso pensamento vai ao encontro do pensamento do autor dos **Problemas de Linguística Geral** ao compreendermos a enunciação no espaço das RSIs como o mecanismo que estabelece uma instância a partir da qual identificamos alguém que fala, fazendo-se, dessa forma, presente no tempo e no espaço. Embora Benveniste tenha voltado suas reflexões para o sistema linguístico, compreendemos que a linha de seu pensamento é passível de interpretações mais amplas, que contemplem outros modos semióticos nos quais também é possível perceber a postulação de um centro dêitico a partir do qual se fala. Dito isso, advogamos em favor de considerarem-se os signos enunciados como indícios da presença dessas subjetividades; e as suas relações de sentido, traços da face que então se postula (COSTA E ARAÚJO, 2014).

Ainda na trilha do pensamento benvenistiano, compreendemos que, atrelada à instauração do ‘eu’, ocorre também a admissão de um ‘tu’, para quem se fala. Embora o poder de instaurar a existência de um ‘eu’ não pertença a esta instância, essas duas pessoas estão dialeticamente ligadas, uma vez que necessitam uma da outra para darem vida à língua, a partir de suas interações sociais. A esta compreensão do ‘tu’ associamos a noção de plateia apresentada por Goffman (2011), na qual o ator social representa seu espetáculo nos mais diversos contextos sociais sempre na presença ou na pressuposição da presença de uma plateia, a qual legitima sua existência e assiste a suas performances.

No que diz respeito às redes sociais, podemos afirmar que a presença e a influência da plateia são cruciais para o direcionamento dado às atuações dos atores sociais nesses contextos, pois são oferecidas inúmeras possibilidades de interação entre o que performatiza e aqueles que o assistem. Para além do estabelecimento do diálogo por meio de trocas de palavras e turnos de fala, há ainda um conjunto de ações cujo objetivo é validar (ou não) aquele que ali está. Atitudes como: reagir a<sup>9</sup>, comentar e compartilhar um conteúdo são delegadas à plateia, e seus resultados oferecidos ao ator para que este possa contabilizar a repercussão atingida.

Esse resultado, assim como o número de ingressos vendidos para um jogo de futebol pode ser interpretado como grau de ventura do evento esportivo, é utilizado pelos usuários do

---

<sup>9</sup> Até 23 de Fevereiro de 2016, os conteúdos postados no Facebook contavam apenas com três possibilidades de interação dos usuários: curtir, comentar e compartilhar. Em 24 de Fevereiro de 2016, foi adicionada ao sistema a função reagir, que oferece ao usuário as opções de amar (Amei), rir (Haha), se impressionar (Uau), ficar triste (Triste) ou se irritar (Grr) com as postagens da rede. Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/02/facebook-libera-novos-botoes-de-reacao-alem-do-curtir-no-mundo-todo.html>> Acesso em 05 Jun. 2016.

Facebook como medidor de popularidade e aceitabilidade de um determinado perfil. Dessa forma, é possível reconhecer um perfil de sucesso pelas quantidades de reações, comentários e compartilhamentos recebidos por seus conteúdos, criando dentro da rede social uma economia baseada na movimentação de um valor simbólico que Bourdieu (1980) chamou de capital social.

Dentro dessa construção, tomamos a análise do capital social, no âmbito desta pesquisa, como um caminho para compreendermos o papel da plateia não apenas enquanto materialização de um ‘tu’ ao qual o ‘eu’ constitutivamente precisa contrapor-se para existir, mas, principalmente, enquanto instância capaz de atestar ou não a eficácia tanto da persona construída quanto das estratégias de polidez empregadas para manutenção desse construto.

Tendo como bastidores a problemática e as bases teóricas explicitadas, trazemos a público nossa pesquisa, cujo questionamento principal é **Como se dão as presentificações que os usuários do Facebook fazem de si mesmos nesta rede social?** A partir dessa pergunta, desmembramos os argumentos da tese em três questões específicas: 1) De que forma os usuários do Facebook instauram a si mesmos neste espaço virtual? 2) Como a polidez linguística se encaixa no processo de presentificação? 3) E como o capital social é manipulado pelos sujeitos presentificados?

Para responder aos questionamentos propostos, formulamos como objetivo principal deste trabalho: **Analisar as presentificações do eu virtual no Facebook considerando o estabelecimento de fachadas, a proteção de faces e os índices de capital social presentes nessa rede social.** Dessa forma, tencionamos circunscrever o fenômeno das presentificações no intuito de lançar um ponto de vista sobre o seu funcionamento, elegendo categorias que possibilitem sua compreensão e procedimentos que operacionalizem um exercício de análise. Como hipótese geral de trabalho temos que: **Os usuários do Facebook presentificam a si mesmos nesta rede social a partir da construção de fachadas sociais, que por sua vez são protegidas e polidas em suas manifestações linguísticas e manipuladas no intuito de gerar e movimentar capital social nesse sistema**

A noção de fachada social, apresentada por Goffman (2011) pode ser entendida como um equipamento expressivo do qual o indivíduo lança mão para construir aspectos mais formais de uma imagem de si. Quando observada no meio off-line, a fachada engloba, entre outros, elementos como espaço físico, movelaria, roupas e acessórios tomados pelos atores sociais no intuito de conferirem coerência e credibilidade ao papel que estão desempenhando. Embora os elementos envolvidos nessa construção estejam previamente delimitados, indícios

de autoria, personalidade e inovação são flagráveis a partir das formas que os atores elegem para dispor desses recursos.

No universo das redes sociais, assim como no meio off-line, fachada equivale aos elementos materiais dos quais os usuários dispõem para construírem-se nesse espaço, podendo manipulá-los à vontade até alcançar um construto que melhor represente o que de si desejam dar a conhecer.

O olhar lançado sobre nosso objeto de estudo neste primeiro momento do trabalho tem como objetivo: **Analisar o estabelecimento de uma fachada social (GOFFMAN, 2011) como mecanismo pelo qual o sujeito instaura a si mesmo no universo do Facebook.** Tal empreendimento toma como pressuposto a ideia de que os usuários do Facebook instauram a si mesmos neste espaço a partir do estabelecimento de uma fachada social, que ancora sua presença na referida rede social.

Uma vez construída uma fachada social que instaura a presença de um eu no lugar virtual, é natural que este deseje movimentar-se. Surge então a necessidade de interagir. Salvo raras exceções, grande parte daqueles que se presentificam nas RSI objetivam conectar-se ao outro, que pode ser desde um outro ser humano até uma empresa ou marca de produtos. No cerne dessas conexões está a interação virtual, que consiste na eterna conversa virtual que o sujeito mantém com seu público na rede social. A postagem de fotos, vídeos, textos e conteúdos externos ao Facebook abre espaço para interações nas quais a fachada projetada pode ser reforçada, enfraquecida ou mesmo defendida diante de eventuais ameaças externas.

Concentrada principalmente no espaço destinado aos comentários das postagens dos sujeitos, a preservação de faces constitui-se como uma tarefa contínua para aqueles que estão presentes nas RSI. Assim como acontece nas conversas face-a-face, a interação virtual é um constante exercício de gerenciamento de potenciais conflitos, no qual o indivíduo precisa ser ágil e fluente para não ter sua face ameaçada ou mesmo desconstruída. Dessa forma, o eu virtual ao mesmo tempo em que se presentifica no lugar virtual, abre espaço para interações que podem comprometer sua construção identitária. Para atenuar essa tensão e, principalmente, proteger a face/fachada construída, entra em cena a polidez linguística (BROWN E LEVINSON, 1987), que pode ser compreendida como as estratégias de natureza linguística empregadas pelos indivíduos no intuito de proteger as imagens de si propositalmente sustentadas ante seus interlocutores.

Para flagrar a utilização dessas estratégias de proteção de faces pelos usuários do Facebook, observamos o espaço destinado aos comentários das postagens, sobre os quais nos

debruçamos orientados pelo seguinte objetivo: **Explorar o uso da polidez linguística como mecanismo capaz de conferir coerência e estabilidade às fachadas sociais construídas pelos usuários do Facebook.** Para esse argumento, formulamos a seguinte hipótese: A polidez linguística é empregada como estratégia de fortalecimento e manutenção do eu virtual frente a uma plateia.

Uma vez ancorado no tempo e no espaço virtuais e conectado aos outros participantes da rede, o eu virtual passa a movimentar capital social (BOURDIEU, 1980), valor simbólico que permeia todo o universo das interações sociais, sejam elas virtuais ou não, podendo pertencer a um grupo desses indivíduos ou mesmo à própria rede enquanto emaranhado de conexões. Sua presença é fundamental para o funcionamento do sistema, uma vez que através dele pessoas e conteúdos se destacam, gerando novas conexões e fazendo com que os usuários da rede busquem formas de atrair a atenção uns dos outros, gerando mais capital para si.

A necessidade de ser visto e validado é tão forte nas RSI que estas já trazem em suas interfaces *affordances* que possibilitam a atribuição e medição desse valor. É o que acontece, no Facebook, com os botões ‘reagir’, ‘comentar’ e ‘compartilhar’, formas de estabelecer conexões com uma possível plateia a partir daquilo que o ator deliberadamente transmite, seja textos, imagens, vídeos ou conteúdos oriundos de outras fontes.

Diante disso, no terceiro momento de nossa análise, nos voltamos para a relação entre presentificação e capital social, com o objetivo de: **Analisar a legitimação das presentificações dos usuários do Facebook com base nos usos que estes fazem do capital social construído na rede.** Nossa hipótese de trabalho, no que diz respeito a esse ponto, é a de que as quantidades de reações, comentários e compartilhamentos podem ser interpretadas como índices de capital social, valor capaz de conferir relevância e poder de influência aos atores presentificados.

Com base nas questões, objetivos e hipóteses expostos acima<sup>10</sup>, esperamos traçar um percurso analítico capaz de lançar luz sobre o fenômeno da presentificação em redes sociais da internet, observando desde a instauração do eu que se enuncia no lugar virtual, passando por suas conexões até chegar à geração de capital social resultante de suas interações.

Após essa breve introdução, para um melhor entendimento das ideias defendidas, esta tese se organiza da seguinte forma:

---

<sup>10</sup> Para uma melhor sistematização dos argumentos que norteiam esta tese, reunimos questões, hipóteses e objetivos em um quadro norteador da pesquisa, explicitado no anexo 1.

- a) Os capítulos 2, 3 e 4 contemplam o referencial teórico da pesquisa, no qual tratamos o eu virtual sob três perspectivas (o eu enunciado, o eu postado e o eu comentado) explicitando as linhas de pensamento que amparam esses olhares;
- b) O capítulo 5 traz as escolhas metodológicas empreendidas a fim de circunscrever o fenômeno abordado e torná-lo passível de análise.
- c) O capítulo 6 apresenta a análise dos dados coletados e as reflexões que esse exercício nos proporcionou à luz dos objetivos estabelecidos.
- d) O capítulo 7 traz as conclusões às quais esse estudo nos conduziu bem como os possíveis desdobramentos e sugestões de continuidade da pesquisa.

## 2 ASPECTOS TEÓRICOS I: O EU ENUNCIADO

*Enunciar é tornar as coisas presentes por meio da linguagem. (FONTANILLE, 2007)*

Neste capítulo, daremos início ao percurso que conduzirá o leitor pelas principais matrizes teóricas que nortearam nossa reflexão. A primeira delas, intitulada O Eu Enunciado, trata dos aspectos históricos, políticos e sociais que convergiram para emergência do fenômeno das presentificações; bem como da perspectiva teórica escolhida para circunscrevê-lo enquanto objeto de pesquisa.

### 2.1 Subjetividade e Pós-Modernidade

O homem, enquanto ser social, possui um papel na dinâmica que rege as interações em sociedade: é capaz de, a longo prazo, moldá-la e, de maneira mais imediata, ser moldado por ela. Como resultado dessa relação, as subjetividades carregam consigo traços de seus contextos sociohistóricos e tendem a reproduzi-los em seus modos de ser, agir e comunicar-se. Por conta disso, tanto o que se diz de si e do outro quanto a forma como é dito, inscrevem-se em contextos específicos, que regem tanto seus regimes de comunicação como o que se comunica. O discurso reflete o momento social no qual é produzido (FAIRCLOUGH, 2011), e estudá-lo demanda algumas considerações acerca dos aspectos sociais envolvidos em sua formação.

Para compreender o estatuto da subjetividade na pós-modernidade e suas implicações para o desenvolvimento desta pesquisa, é necessário retroceder e observar o tratamento dado a essa ideia ao longo do tempo.

A noção do indivíduo, dotado de uma subjetividade deliberadamente delineada e com implicações práticas refletidas em escolhas e posicionamentos políticos, foi amplamente combatida na Idade Média. Vigilância, medo e culpa eram impostos como mecanismos de regulação social, amparados e difundidos no discurso religioso. Esse modelo de organização social tinha, dentre outros, o objetivo de perpetuar a hegemonia das instituições dominantes (clero e nobreza) minando a geração e propagação de pensamentos dissidentes. Apesar dos esforços, esse sistema se desgastou, sofrendo duros golpes com as reformas que surgiram a partir do Renascimento.

Adentra-se, então à Era Moderna com a possibilidade de pensar a si mesmo e ao mundo sem a regulação exercida pela igreja, porém essa lacuna é rápida e eficientemente preenchida pelos ideais do Capitalismo, que insere o indivíduo (que mal tomou posse de si mesmo) na esfera do consumo. Atrelado ao Capitalismo, o liberalismo emerge, especialmente nos séculos XVII e XVIII, com uma proposta que reserva, dentro do sistema político-econômico, um lugar para o indivíduo, agora alçado ao status de cidadão. No que diz respeito aos sujeitos, os principais preceitos liberais são:

(1) liberdade em relação ao coletivo no qual vive e comportando o direito de escolha, liberdade de ação e participação, (2) igualdade, implicando direitos inalienáveis, públicos, reconhecidos pelos demais; (3) consciência individual acentuada com razão própria, emoções e sentimentos singulares e únicos e (4) consideração do homem como a célula básica da sociedade, da qual participa, diretamente, sem mediações (GENTIL, 1996, p. 92).

A partir dos papéis elencados acima é possível compreender a mudança de paradigma que se concretizou com a ascensão desse modelo econômico, que tem o cidadão como pilar do sistema, um cidadão dotado de discernimento e possibilidades, capaz de exercer suas escolhas e expressar suas opiniões através, sobretudo, do consumo. A Psicologia alerta para um desnivelamento que acontece, deste então, entre o sujeito político e o sujeito subjetivo (MANCEBO, 2002). É oferecido um lugar social, com direitos e deveres a serem administrados, o qual não estamos aptos a preencher, pois para a sociedade, até então conduzida e regulada, a autorreflexão e o exercício da escolha são práticas relativamente novas.

Tal quadro encontra seu ápice com a emergência, em meados do século XX, do liberalismo em sua vertente mais exacerbada. O neoliberalismo transfere para o indivíduo ainda mais responsabilidades, tornando-o autocentrado enquanto o Estado se minimiza. Do ponto de vista econômico, a competitividade é estimulada como gatilho para o consumo, que aparece travestido de valores como autenticidade, exclusividade, realização e, principalmente, felicidade. Segundo Mancebo (2002),

Retomando as matrizes componentes da subjetividade, emergentes nos dois séculos passados, tem-se nos dias que correm um homem movido pelo individualismo competitivo, pela intimização exacerbada, pela disciplina e docilidade imposta aos corpos, ou por todas essas dinâmicas combinadas, mas submetido ao império de uma micro-ética que o impede de formular e agir em prol de acontecimentos globais. (online)<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000100011>>. Acesso em 28 Mar. 2017.



Chegamos ao século XXI atordoados com as demandas e possibilidades da Pós-Modernidade. O consumo emerge como parte do modelo político econômico e se materializa em experiências, marcas, narrativas, *lifestyle*<sup>12</sup>, para preencher o vazio interior desse sujeito que precisa pensar a si mesmo. Projetar-se tornou-se uma demanda política, psicológica e social.

Uma das principais características desse momento histórico é o imediatismo. Com tecnologias cada vez mais eficientes, capazes de satisfazer as necessidades básicas e encurtar processos, “perde sentido o histórico sentimento de futuro, uma vez que tudo estimula a fruição hedonista do instante, do momento presente” (MANCEBO, 2000). Essa necessidade inadiável de fruir tudo aquilo que se pode (ou não) alcançar e a demanda constitutiva do sistema socioeconômico por um indivíduo que tem o consumo como papel social, são nuances contextuais que formam o plano de fundo da nossa pesquisa.

Como reflexo desse contexto, a exteriorização das subjetividades (THEBALDI, 2014) encontra maior espaço a partir do século XX, amparada na evolução dos meios de comunicação. O indivíduo, alheio às problemáticas de cunho global, volta-se para si mesmo, produzindo e consumindo um conteúdo midiático que tem como principal faceta a autopromoção. Nesse cenário, as redes sociais da internet emergem como suporte para o exercício desse individualismo, é lá que os sujeitos se apresentam, se aprimoram e se conectam uns aos outros, produzindo o fenômeno aqui denominado de presentificação.

A possibilidade de construção de uma persona virtual em torno da qual se reúnem “amigos” convertidos em público consumidor, aliada à proliferação de dispositivos móveis de captura e propagação de imagens e vídeos, colocam o indivíduo diante de um regime oculocêntrico, no qual mostrar-se tornou-se comum e necessário. Ser e estar no mundo consistem agora naquilo que se mostra e se parece, configurando o contexto que Sibilia (2008) chamou de “show do eu”.

Diante da demanda constitutiva da pós-modernidade por indivíduos formados e representados a partir de suas escolhas de consumo, começaram a emergir modelos padronizados de subjetividade. O paradigma do corpo perfeito e a busca da felicidade como projeto de vida (FREIRE-FILHO, 2010) são exemplos desses modelos. Por outro lado, enfraquecem-se os laços sociais e afetivos entre os sujeitos, e questões como abandono, solidão, velhice e morte passam a ser evitadas a todo custo. As relações sociais adquirem um caráter plástico, no qual a descartabilidade e a deletabilidade são regimes existenciais aos quais todos

---

<sup>12</sup> *Lifestyle*, do inglês, significa estilo de vida. Atualmente refere-se a rotinas e performances de gosto pré-definidas, cuja publicização filia seu adepto a um determinado grupo e lhe confere um status social positivo. São exemplos de lifestyle: o estilo fitness, o estilo cult, o business e, mais recentemente, o deboísmo e o sereísmo.

estão expostos, numa obsolescência programada que se assemelha àquela das mercadorias postas à venda (FERRAZ, 2013).

A vasta oferta de modelos de subjetividade disponíveis e a superficialidade das relações sociais fazem com que os sujeitos deslizem de um formato para outro, adequando-se como fluido em recipientes, dando origem ao que Bauman (2001) denomina de modernidade líquida. Entretanto, conforme afirma Thebaldi (2014), “embora atualmente disponhamos de maiores possibilidades para montarmos o próprio self, mais recorremos a amostras e/ou a modelos subjetivos socialmente consagrados” (p. 117). Tais modelos são formados em função de suas opções de consumo, sendo definidos por elas.

O desejo de ver e ser visto, a consciência da existência de um público para o qual o eu se performatiza e a possibilidade de recorrer a papéis socialmente engendrados e de domínio coletivo contribuíram para a compreensão do momento atual como o da sociedade do espetáculo (DEBORD, 2008), no qual a exacerbada objetivação e espetacularização daquilo que se vive resultaram numa sociedade plástica, na qual tudo é representado.

Tais especificidades não poderiam passar despercebidas a um estudo que se situa na interrelação entre o social, o psicológico e o linguístico. Para darmos conta desse contexto no qual está inserido o fenômeno que nos propusemos a analisar, elegemos como pressuposto teórico a perspectiva dramatúrgica (GOFFMAN, 2011), uma vez que nela contempla-se a dinâmica dos papéis sociais e a consciência da existência de uma plateia observadora. O autor aponta ainda elementos constituintes do drama cotidiano, pequenas peças, que juntas movimentam a engrenagem do espetáculo e nos inspiram categorias de análise adaptáveis ao viés aqui proposto.

Porém, antes de fragmentarmos o (já tão fragmentado) indivíduo, em busca das peças de sua engrenagem, é necessário compreender a natureza de sua representação. Em resposta a essa demanda, sugerimos que a subjetividade em redes sociais seja tratada a partir do viés linguístico, no qual se destaca a perspectiva de Benveniste (2005; 2006) que reconhece o sujeito e sua instância de discurso enquanto efeitos de linguagem. É desse lugar teórico que falaremos agora.

## **2.2 A subjetividade enunciada**

Antes das reflexões acerca de como se dá a presentificação e quais especificidades estão implicadas no contexto das redes sociais, é necessário nos questionarmos acerca da

constituição desse eu que ora se presentifica. Que caminhos foram percorridos por ele antes de materializar-se como dados em um perfil de Facebook? Que engrenagens possibilitam associarmos aquilo que está posto a uma presença subjetiva que se reconhece enquanto *eu*?

Se tomarmos as informações dispostas em um perfil da RSI, percebemos facilmente que a maioria dos elementos ali apresentados tem como referente o sujeito que se presentifica. Reconhecemos sua existência e passamos quase que instintivamente a percebê-lo enquanto personagem daquele espaço virtual. Na sequência, à medida que esse perfil inicia suas interações com os outros, somos capazes de reconhecer sua presença como mais ou menos constante naquele meio. Itens como foto de perfil, nome de usuário e textos colocados em primeira pessoa são índices que apontam para a presença do eu virtual. De sua parte, o eu virtual reproduz por meio de suas postagens o seu ponto de vista acerca do mundo no qual se insere, colocando-se como centro ao qual os demais índices são relativos.

Julgamos coerente afirmar que essa relação possui um caráter essencialmente dêitico, uma vez que se toma um ponto de vista a partir do qual o mundo será depreendido e elegem-se elementos sógnicos que apontam para referentes presentes nesse mundo. Segundo Silva (2005, p. 47), “os elementos dêiticos têm a função de determinar a relação espaço-temporal na qual o homem se localiza, movimenta-se e define o centro da comunicação”. O fato de estarmos tratando de uma comunicação virtual não invalida essa perspectiva, pois mesmo nesse contexto ainda é preciso assimilar e sinalizar o tempo da rede, o lugar virtual e a presença do eu virtual, constituindo a teia de relações sobre a qual se ergue essa realidade.

Feitas essas considerações, trazemos para a discussão as formulações de Benveniste, que encontrou na materialidade linguística os mecanismos nos quais se ancoram as relações dêiticas de tempo, espaço e pessoa enquanto efeitos de linguagem, reflexos da instauração de um *eu*, que não existe fora da língua.

### **2.2.1 *Benveniste e a Enunciação Linguística***

A adoção do pensamento de Benveniste enquanto princípio norteador da reflexão que perpassa toda esta tese não se justifica apenas pela nossa filiação aos estudos linguísticos. Ela reside principalmente no fato de tal perspectiva oferecer-nos a possibilidade de circunscrever de forma palpável o fenômeno da subjetividade e, mantidas as devidas proporções temporais e tecnológicas, compreender a maneira pela qual esse sujeito de linguagem se relaciona com o mundo. Além disso, não recorreremos ao autor em busca de categorias de análise

ou soluções metodológicas, mas sim enquanto matriz epistemológica a partir da qual trataremos a questão da subjetividade.

A obra de Emile Benveniste, representada aqui pelos **Problemas de Linguística Geral I e II** (PLG), reúne textos produzidos pelo autor em diferentes épocas, sendo o primeiro volume organizado por ele ainda em vida e os demais, publicações póstumas. A distância cronológica existente entre a escrita dos textos e sua publicação tem como consequência a presença de flutuações terminológicas, resultantes do amadurecimento de ideias ou de diferentes tomadas de postura. Além disso, seus escritos não tinham pretensões à unidade, mas sim à reflexão sobre problemas inerentes à ciência linguística em geral. Diante disso, a apreciação teórica dos conceitos apresentados ao longo da obra de Benveniste requer a delimitação de um *corpus* teórico (FLORES E ENDRUWEIT, 2012), no qual sinalizamos quais textos do autor são tomados como base para determinados conceitos. Diante disso, delimitamos como cerne de nossas reflexões, no presente estudo, as noções de subjetividade, instância de discurso e enunciação, conforme delineadas nos capítulos ‘Da subjetividade na língua’ (PLG I) e ‘O aparelho formal da enunciação’ (PLG II). A opção por este recorte deve-se à proximidade entre as ideias defendidas nos dois capítulos, uma vez que ambos advogam em função da subjetividade enquanto efeito de linguagem.

O homem está na língua. Essa é uma das formulações mais representativas da obra de Benveniste e um dos princípios gerais que permeiam suas ideias, resistindo inclusive às suas próprias releituras. A frase, que dá título à quinta parte dos PLG I e II, tem como fundamento a noção de subjetividade atrelada ao sistema linguístico. Segundo o autor,

A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo), **mas como uma unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência.** Ora, essa “subjetividade”, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. (p. 286) (grifos nossos)

A citação acima evidencia a compreensão do autor de que a subjetividade consistiria em um efeito de linguagem, resultante do preenchimento de determinadas formas linguísticas das quais emergem o sujeito e sua instância de discurso. Por conta disso, a percepção de subjetividade feita pelo próprio sujeito é considerada não mais que um reflexo desse movimento, estando na língua sua verdadeira engrenagem. Seus efeitos são tão abrangentes

que, sem essa engrenagem, não haveria meios para a ancoragem da noção de eu na consciência do próprio sujeito postulado.

Apoiado na noção de dêixis, Benveniste (2005) chama a atenção para os pronomes pessoais *eu* e *tu*, cujos referentes são atualizados a cada nova enunciação, dando a essas formas a característica de serem por si sós vazias de sentido e intrinsecamente dependentes da situação de discurso, para cumprirem suas funções na linguagem. Segundo o autor,

A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes. (pag. 289)

Dessa forma, o eu enunciado seria o centro dêitico a partir do qual é construída uma perspectiva da realidade. Noções como pessoa do discurso, tempo, espaço, entre outras, estariam atreladas a esse centro dêitico e a partir dele tomariam forma. Assim, temos a instauração de um *tu* para o qual se fala; de um agora, que remete sempre ao momento da enunciação e do qual se depreendem as relações temporais possíveis na linguagem; de um aqui, a partir do qual pode ser representada a posição do eu em relação ao mundo e vice-versa. Ou seja, a realidade só seria perceptível por meio de relativizações e essas, por sua vez, só são possíveis mediante a ancoragem em algum ponto externo a essa realidade, mas presente e previsto na língua.

A reflexão acima se mostra atual e passível de aplicação no contexto desta tese por estarmos diante de uma situação na qual a língua é convocada, possibilitando que o sujeito enuncie a si mesmo e postule sua instância de discurso, mas também apresentando dentro do próprio sistema<sup>13</sup> lugares vazios a serem preenchidos por diferentes materialidades sógnicas, tais como imagens e vídeos. Ousamos afirmar que, assim como a língua, a rede social possui uma sintaxe que possibilita a emergência de um eu que não deixa de ser o eu enunciado ao qual Benveniste se refere, mas com nova roupagem, enunciando-se também nas imagens, ancorando-se por meio de links, localizando-se por gps, entre outros. O eu enunciado agora tem rosto e nome marcados.

Portanto, para circunscrever a subjetividade nas RSI, relacionada aqui ao fenômeno da presentificação, é necessário tomar como ponto de partida a postulação do *eu* virtual.

---

<sup>13</sup> Por sistema compreendemos a rede social enquanto construto de comandos e caminhos interativos previamente arquitetados e cuja ordem não é passível de subversão.

É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia com “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. (BENVENISTE, 2006, p. 288)

Sendo assim, em nosso estudo, partimos daquilo que o sujeito enuncia, “ele mesmo sobre si mesmo”, para compreendermos como funciona a dinâmica que lhes possibilita transportarem a si mesmos e a suas realidades para dentro das redes sociais.

### 3 ASPECTOS TEÓRICOS II: O EU POSTADO

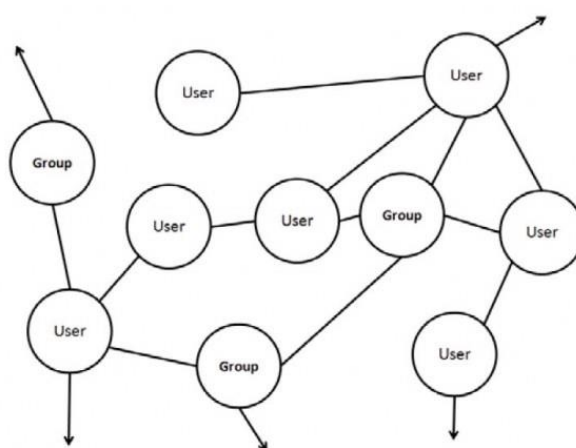
Dando continuidade ao nosso percurso teórico, neste capítulo, trataremos dos aspectos envolvidos na construção do eu virtual. Primeiramente, apresentaremos apontamentos relativos à análise de redes sociais na internet, em seguida, traremos a proposta teórica de Goffman (2011) e, por fim, esclareceremos questões terminológicas relativas ao nosso objeto de pesquisa.

#### 3.1 Redes Sociais da Internet

Oriunda da agenda de estudos da Sociologia, a análise em redes sociais surgiu no início do século XX e trazia como principal característica a abordagem estrutural de fenômenos sociais com o intuito de compreender suas dinâmicas interacionais. A perspectiva das redes conferiu flexibilidade à análise sociológica, uma vez que permitia ao pesquisador delimitar os limites de seu objeto de estudo, circunscrevendo fenômenos pontuais, restritos a entornos que antes passavam despercebidos em análises mais abrangentes.

A teoria das redes compreende as relações sociais como teias, das quais os indivíduos seriam os pontos de contato, também chamados de nós, e as relações entre eles seriam conexões.

Figura 1 - Representação gráfica de uma rede social



Fonte: <http://goo.gl/PrWB7r>

A partir desse princípio básico, podem ser compreendidos como redes sociais desde os alunos que interagem em uma sala de aula, até uma rede de filiais de uma multinacional.

Como fenômenos passíveis de análise, podem-se considerar desde as dinâmicas de expansão e rompimento de laços, até o conteúdo das interações estabelecidas entre os sujeitos (nós).

Com o surgimento dos sites de relacionamento, a partir dos anos 2000, foi possível o estabelecimento de conexões entre indivíduos também no meio digital, fossem elas reflexo de interações offline ou não. Essa possibilidade de reproduzir online construtos sobre os quais já se teorizava anteriormente, fez com que sites como Orkut, Fotolog, Twitter, Youtube e, mais recentemente, Facebook e Instagram, ganhassem o nome de sites de redes sociais. Porém, é válido ressaltar que não é o site em si que constitui a RS, mas sim a presença dos sujeitos nesse espaço e as interações estabelecidas por eles. Dessa forma, Recuero (2009) define os sites de redes sociais como plataformas que possibilitam a criação de perfis pessoais, a partir dos quais se estabelecem laços. A junção desses dois itens é que formaria a rede social propriamente dita, cabendo a cada sujeito estabelecer a sua. A autora resalta ainda que os sites de RS possibilitariam a publicização tanto dos perfis dos usuários quanto das redes por eles constituídas, contribuindo para a expansão do círculo de influência de cada um.

O desenvolvimento tecnológico vem conferindo novas facetas a esse objeto, especialmente no que diz respeito a sua adaptação a dispositivos móveis, como smartphones e tablets. Para tornar o acesso mais veloz, esses aparelhos contam com a utilização de aplicativos específicos para cada produto, sendo desnecessário o acesso aos sites por meio de navegadores de internet. Esse atalho tecnológico permite que se acesse, por exemplo, o Facebook no celular com apenas um toque, sem a necessidade abrir uma página web e digitar um endereço de link. Tais adaptações têm reverberado na literatura especializada, fazendo com que a expressão sites de redes sociais seja gradativamente substituída por redes sociais (RS) ou redes sociais da internet (RSI), denominação que adotamos neste estudo.

Duas vertentes destacam-se no que diz respeito aos estudos em RSI no Brasil, diferentes modos de circunscrever o fenômeno, dando origem a objetos com características distintas. A primeira delas ampara-se no viés estrutural das redes sociais, analisando a dinâmica de funcionamento desses construtos a partir de sua representação gráfica. Dessa forma, é possível examinar uma vasta gama de fenômenos oriundos das conexões existentes entre os sujeitos que formam os nós dessas redes. A partir da geração de grafos é possível traçar o percurso de um determinado fenômeno dentro da rede, mapeando seu alcance ou movimento. As pesquisas empreendidas nessa perspectiva investigam desde o tamanho e o poder de alcance das redes, até as manifestações discursivas sobre as quais são erguidas essas estruturas, a exemplo da figura abaixo.



Figura 2 - Grafo das palavras relacionadas a ‘Nordeste’, no Twitter logo após o resultado da eleição presidencial de 2014<sup>14</sup> (RECUERO, 2014)



Fonte: reprodução

Acima, temos o exemplo de um grafo gerado em decorrência do monitoramento das ocorrências da palavra ‘nordeste’, bem como das palavras a ela associadas, na rede social Twitter, logo após a divulgação do resultado da eleição presidencial de 2014. As conexões entre as palavras simbolizam a frequência com a qual os termos foram relacionados e o tamanho das palavras representa o número de vezes que apareceram. Segundo Recuero (2014), a partir desse grafo, é possível constatar a recorrente associação do Nordeste a termos como ‘mal’, ‘culpa’, ‘pobre’, ‘burros’, etc.

A segunda perspectiva bastante praticada na abordagem das RSI apresenta como principal característica a análise qualitativa dos dados, tomando como objeto fenômenos inerentes a elementos específicos das RSI, tais como perfis e grupos, vistos não mais como redes, mas como totalidades dotadas de elementos constituintes e de dinâmicas de funcionamento específicas. Nessa perspectiva, é possível observar fenômenos relacionados principalmente aos indivíduos, que vão desde a sua construção identitária por meio da linguagem até as apropriações de bens de consumo e adoção de comunidades como nuances de subjetividade projetada (POLIVANOV, 2012). É a essa última perspectiva que se filia o presente estudo.

<sup>14</sup> Disponível em <http://goo.gl/Odc988>. Acesso em 06 jan. 2015.

As abordagens das RSI mencionadas acima nos revelam a versatilidade desse objeto, cujos limites são delineados pelo olhar do pesquisador, podendo partir do individual para o geral (quando as escolhas lexicais dos usuários revelam uma postura preconceituosa adotada por uma comunidade) ou do geral para o individual (elementos de alcance coletivo apropriados para a construção de personas singularizadas). Não coincidentemente, é também na divisão individual/coletivo que se organiza um importante aspecto inerente às RSI que será considerado nesta pesquisa, o capital social<sup>15</sup>.

Dentre toda a riqueza de caminhos que os estudos de redes sociais na internet podem abrir, é notória a quantidade de reflexões que se têm voltado para questões relativas à construção da subjetividade nesses espaços. Conforme explicitado anteriormente, a estreita interdependência existente entre os elementos que constituem esse objeto faz com que se proliferem visões plurais, que consideram o ‘eu’ não mais como elemento uno e sim como intersecção de diferentes nuances (SANTAELLA, 2013) caminhando para uma já anunciada dissolução (GUATARRI, 2012).

A seguir, discorreremos acerca da compreensão da subjetividade enquanto performance, defendida por Goffman (2011), perspectiva que amparará nosso exercício analítico.

### 3.2 Perspectiva dramática

No intuito de sistematizar e compreender a dinâmica que se estabelece por trás das interações face a face nos diferentes contextos sociais, Goffman, em **A Representação do eu na Vida Cotidiana**, nos propõe um quadro de referência elaborado a partir da compreensão da cena interacional como uma encenação teatral. A partir dessa perspectiva, são elencadas diferentes categorias, oriundas dos elementos e processos que compõem a representação teatral. Na concepção do autor, o quadro de referência se propunha aplicável a diferentes contextos, fossem eles formais ou informais.

É válido ressaltar que o quadro proposto pelo autor tem como alvo as interações face a face, e aqui reside a nossa primeira adaptação, pois entendemos que, apesar do propósito assumido em sua elaboração, as categorias e teorizações mencionadas dão conta também de fenômenos de comunicação assíncrona mediada por computador, seja pela proximidade cada vez maior que vem se estabelecendo entre as comunicações mediadas por computador e as

---

<sup>15</sup> O conceito de capital social será apresentado no tópico 4.2.

interações pessoais, seja pela abrangência das formulações feitas pelo autor. Diante disso, propomos a aplicação do quadro de referência de Goffman (2011) não apenas como ponto de partida para a compreensão das presentificações<sup>16</sup> dos sujeitos nas RSI, mas também como um dos aparatos dos quais lançaremos mão para a análise de seus elementos.

A opção pela abordagem dramaturgica das interações cotidianas vai ao encontro da agenda de estudos da Microsociologia, ao dar importância capital aos menores aspectos envolvidos nesse roteiro. O autor justifica sua escolha evocando a exatidão das imagens artísticas (teatro), as quais dependem de um emaranhado de procedimentos, nos quais uma única falha pode desacreditar todo o espetáculo. Nesse mesmo paradigma, encontram-se as representações da vida cotidiana, dependentes de roteiros preestabelecidos e sujeitas a imperfeições e a fracassos.

O quadro de referência aqui adotado possui a mesma estrutura de sua formulação original, sustentado por três peças principais, que estariam presentes em toda e qualquer representação: ator, palco e plateia. Esses três elementos, postos em ação, compõem o que Goffman denomina como *performance*, que seria a execução de um papel social. Ao ator caberia encenar, pondo-se em ação a partir de um roteiro preestabelecido e socialmente compartilhado, a ponto de a plateia reconhecê-lo e, em certa medida, prever o andamento da cena, identificando possíveis deslizos. O palco seria o local, físico ou abstrato, responsável por dar lugar às representações, contribuindo para a sua execução, podendo possuir uma natureza material ou ser apenas pressuposto. A plateia, por sua vez, abrigaria aqueles a quem a representação se destina, podendo ser composta por um grupo, por um único membro ou mesmo não possuir participação de outros sujeitos, mas ser constituída pela idealização de uma audiência, feita pelo ator protagonista.

As representações podem ser de natureza individual, empreendidas por um único ator, ou coletivas, com a participação de equipes de atores que agem em consenso na execução de um roteiro. Em nossa pesquisa, nos voltamos para as representações individuais. Menções acerca das atuações em equipe ocorrerão eventualmente, mas nosso foco principal incide sobre os atores que representam seus papéis sozinhos. Essa escolha se justifica em parte pela anatomia dos perfis performizados nas RSI, cuja maioria<sup>17</sup> é de natureza individual.

---

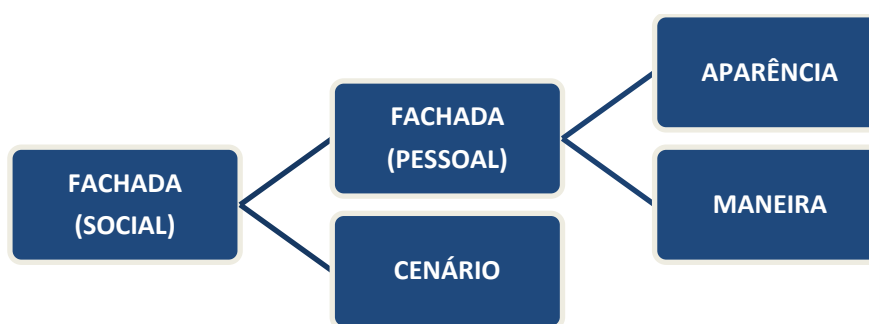
<sup>16</sup> Ao nos referirmos a performance de papéis no meio social lato sensu, manteremos a denominação dada pelo autor 'representações'. Ao nos referirmos a performances em redes sociais, adotaremos a terminologia definida para este estudo 'presentificações'.

<sup>17</sup> Existem as fanpages e os perfis de casais, mas que possuem pouca representatividade para os fins desse estudo.

Uma vez estabelecidos os componentes principais do quadro de referência, é necessário ressaltarmos o caráter sinérgico das representações, nas quais elementos humanos e materiais alinham-se em função de uma tarefa, a ausência ou insucesso de qualquer um deles significaria prejuízo para a representação. Partindo desse princípio, somos apresentados à noção de fachada, dimensão na qual essas duas perspectivas entram em conjunção. Segundo o autor, a fachada pode ser compreendida como “o equipamento expressivo do tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” p. 29. Diferentemente do palco, a fachada possui uma materialidade física dotada de significados que contribuem para a execução da representação, conferindo-lhe reconhecimento e legitimidade. Por exemplo, a *performance* de um casamento religioso precisaria desenrolar-se em um local relacionado à temática religiosa para que a cena gozasse do mínimo de credibilidade. Da mesma forma, uma conversa cotidiana poderia ter diferentes cenários, porém, seria menos verossímil se acontecesse em um altar, durante a missa, por exemplo.

Entre as categorias elencadas pelo autor como componentes da cena dramática, interessa-nos especialmente a noção de fachada, devido ao seu caráter versátil, estabelecendo-se como região de fronteira, na qual sujeito e matéria harmonizam-se e entram em sincronia para efetuarem a representação. As dimensões subjetiva e material presentes na fachada são sistematizadas pelo autor nos seguintes conceitos:

Figura 3 – Categorias da fachada segundo Goffman (2011)



Fonte: elaborado pela autora

Como componentes da fachada social - assim chamada devido à sua natureza coletiva, prestando-se ao reconhecimento e uso de todos aqueles que compartilham do mesmo repertório sociocultural – encontramos a fachada pessoal e o cenário. No cenário, Goffman reúne os componentes materiais da cena, como mobília, decoração, disposição física dos elementos, entre outros itens, todos mobilizados em função da representação. Já a fachada

pessoal estaria relacionada ao próprio ator, sendo dividida em aparência e maneira. Na aparência, estariam inclusos “aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator” e à maneira corresponderiam “os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima” p. 31. Essas características expressivas são capazes de evocar estereótipos e papéis sociais reconhecíveis por traços relativos ao ator que executa a performance, tais como o sotaque, o tom de voz, a gesticulação, os chistes, a negociação de turnos numa conversação, entre outros. Segundo Sá e Polivanov (2012, p. 585), “a aparência está, assim, para o status social, tal como a maneira está para os gestos e ações do indivíduo”.

A partir do gerenciamento das fachadas, especialmente em suas facetas imateriais, é possível ao ator construir uma face constante, cujas ações seguem um padrão específico e transmitem uma mensagem acerca de si mesmo, estabelecendo o que o autor chamou de coerência expressiva.

Tomando como *corpus* os perfis de sujeitos relacionados à cena musical eletrônica do eixo Rio-São Paulo, Polivanov (2012) analisa as representações construídas pelos atores sociais no Facebook a partir da coerência expressiva e das performances de gosto. Em sua tese, a autora compreende as postagens e ações dos sujeitos na RSI como nuances que, juntas, constituem episódios de um projeto narrativo de si mesmo, cujo objetivo é estabelecer-se e adquirir valor dentro desse espaço. Categorias como autorreflexividade, consumo como produtor identitário e apresentação de si como co-construção com a figura do outro são convocadas em um exercício interpretativo que teve a entrevista semiestruturada como principal instrumento de geração de dados e cuja análise foi essencialmente qualitativa.

Situada na seara da Comunicação, a tese acima lança luz sobre o percurso que construímos para esse estudo no que diz respeito à visão dada à questão da subjetividade nas RSI. Ao optar pela perspectiva de Goffman (2011), a autora compreende que os atores se fazem presentes nesses espaços a partir das ações simbólicas que neles empreendem:

Tal como a própria noção de “identidade”, o conceito de “atores sociais” aqui não deve ser entendido enquanto entidade que tenha uma “essência”, algo que teria uma unidade e centralidade. Trata-se, ao contrário, de categorias discursivas que buscam nomear uma entidade social e conceito complexos, frequentemente contraditórios e necessariamente fragmentados e relacionais. (POLIVANOV, 2012, p. 30)

Oliveira (2012), tomando como base o conceito de carnavalização (BAKHTIN, 2004), empreende a análise das representações do eu a partir da escolha dos nicknames e das manifestações discursivas realizadas pelos atores sociais em salas de bate-papo e RSI. Tendo

como princípio teórico a perspectiva dramatúrgica de Goffman (2011), o autor define como “manifestação do Self no ciberespaço toda expressão textual e icônica de uma pessoa dentro do contexto linguístico de um grupo online em que ocorre interação, estabelecendo-se os processos cognitivos e sociais da comunicação” (OLIVEIRA, 2012, p. 123). Sua proposta metodológica procura dar conta da análise da representação do eu desde seu entorno offline, que relaciona à região de bastidores (GOFFMAN, 2001) até sua manifestação enunciada nos ambientes digitais, que relaciona à região de fachada (Idem).

Embora a proposta de interpretação e análise dos dados feita por Oliveira (2012) venha ao encontro de nossas formulações no que diz respeito à compreensão das interações nas RSI amparada pela perspectiva dramatúrgica, o viés linguístico que nos norteia leva-nos a assumir como objeto de análise prioritariamente as presentificações construídas a partir do texto enunciado. Em nossa concepção, a representação do eu só é apreensível e passível de análise a partir de sua materialidade enquanto dado/informação, sendo o eu, dentro das RSI, criado e moldado a partir da linguagem particular desse meio. Por conta disso, nossa análise não levará em consideração o contexto off-line imediato daqueles que se constroem na rede.

Seguindo na trilha das incursões que compreenderam o eu enquanto junção de ações na RSI, Costa e Costa (2014) avançam ao tomarem categorias discursivas para analisar a representação do eu de jogadores de futebol brasileiros na rede social Instagram. Partindo da compreensão do atleta de alta performance como sujeito ciente do seu valor mercadológico, a análise empreendida pelos autores observa a coerência expressiva constituída pelas funções representacionais presentes nas imagens postadas pelos jogadores da seleção brasileira de futebol em ocasião da Copa do Mundo. Os dados revelaram que o papel social executado possui coerência, ao apresentar os sujeitos seguidamente em estruturas de representação de natureza conceitual, mobilizando cenários que competem para o estabelecimento dos sujeitos enquanto mercadoria, alheios às ações e interações com a plateia.

Tanto em Polivanov (2012), quanto em Costa e Costa (2014), a perspectiva dramatúrgica é convocada para dar conta das ocorrências subjetivas no interior das RSI. Seguimos o mesmo caminho, ao compreendermos o eu como apreensível a partir da observação de ações discursivas postas em cadeia, que juntas dariam a impressão de subjetividade. Aspectos metodológicos e conceituais dos dois estudos serão convocados, especialmente no que diz respeito à coerência expressiva, na forma como é tratada em Polivanov (2012), e a aparência e maneira, compreendidas como ações discursivas passíveis de análise, conforme empreendido por Costa e Costa (2014).

É partir desses conceitos que objetivamos guiar nossa incursão pela problemática da subjetividade nas RSI, pois acreditamos que o eu virtual, presentificado no Facebook, se situa na intersecção entre o individual e o coletivo, não sendo possível acessá-lo sem a participação desses vieses. Segundo Park PARK (1950, p. 249, *apud* GOFFMAN, 1986, p. 27)

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel [...] É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros, é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. (p. 249)

A citação acima resume um pouco do que tomamos como eu no contexto dessa pesquisa. Partindo da compreensão das RSI enquanto espaços de interação, o ator social sinalizaria sua presença a partir do momento em que desempenha um papel nesse espaço, papel esse cujas marcas ficam impressas nas páginas da rede, conferindo-lhe existência temporal e localizada, como se aquela cena se desenrolasse enquanto os dados estiverem disponíveis. Na ausência dessas ações, o ator não estaria presente nesse espaço. Como ações discursivas, compreendemos mecanismos, tais como postagens de textos e imagens, em cuja materialidade dos dados é possível encontrar traços referentes à presença desse eu que se enuncia e presentifica a partir do que é dito. Segundo Goffman, o eu performizado é aquele que “em lugar de meramente realizar sua tarefa e dar vazão a seus sentimentos, expressará a realização da tarefa e transmitirá de modo aceitável seus sentimentos” (2011, p. 66).

Para além do binômio particular-coletivo que a metáfora dramaturgica contempla, em nossa opção teórica levamos em consideração ainda a abundância de categorias elencadas por Goffman (2011) na descrição do mecanismo das representações, elaborando elementos para a constituição de uma sintaxe do papel social, dotada de elementos discretos que se relacionam e complementam em diferentes níveis, daí a possibilidade de estudá-los amparados pela epistemologia e metodologia linguística, cujo recorte será explicitado na metodologia desta tese.

### 3.3 Presentificações do eu virtual

Uma das questões que acompanham os desdobramentos da perspectiva dramaturgica de Erving Goffman, diz respeito às traduções e interpretações que o termo ‘*presentation*’ pode assumir. *The presentation of self in everyday life*, título traduzido para o português como **A representação do eu na vida cotidiana**, dá margem a diferentes

interpretações do que seriam as representações do eu nesse construto. A escolha lexical empreendida está intimamente ligada à compreensão do conceito e ao direcionamento que se dá à reflexão empreendida.

Em Sá e Polivanov (2012), a noção de representação é convocada para explicar a troca de avatares feita pelos usuários do Facebook em ocasião do dia das crianças. Cada indivíduo substituiria seu avatar real pela imagem de um desenho animado favorito. Segundo as autoras, nesse contexto, os personagens seriam convocados com o objetivo de **representar** o dono do perfil, em função de alguma característica abstrata ou atributo físico que lhe capacitasse para tanto.

Matuck e Meucci (2005), por sua vez, advogam em função do uso do termo **apresentação**, atrelado à noção de autodefinição, sob o argumento de que, nas RSI, os sujeitos apresentam traços de si mesmos, escolhidos e publicizados no intuito de proporcionarem uma autodefinição desses atores. Dessa forma, a postagem de conteúdos em redes sociais consistiria em um mecanismo pelo qual “o sujeito define a si mesmo” (MATUCK E MEUCCI, 2005, p. 163) enquanto se apresenta para os demais atores envolvidos na rede.

Polivanov (2012) vale-se da noção de **autoapresentação** enquanto mecanismo pelo qual o ator social delinea um projeto narrativo de si e o executa na rede social, construindo assim uma face voltada para um certo público e assumindo determinadas temáticas como centrais para o perfil traçado. Além disso, sinaliza para a presença mediadora da plateia, capaz de validar ou não a autoapresentação empreendida, conduzindo o processo rumo a um movimento de alodefinição, orquestrado pelo outro. Segundo a autora,

A ideia da representação não seria pertinente, no entanto, para dar conta de todo o processo de construção dos *selves* nos sites de redes sociais, uma vez que os perfis não são *substitutos* dos atores, mas sim ferramentas através dos quais eles apresentam-se, presentificam-se – isto é, atualizam-se – e se autoconstróem no ciberespaço. (POLIVANOV, 2012, p. 77)

Chamamos a atenção para o emprego do verbo presentificar-se enquanto sinônimo de atualizar-se e como opção para a tradução problemática de ‘presentation’. Em nossa pesquisa, optamos por essa escolha terminológica em virtude de compreendermos a prática da criação de perfis e da postagem em RSI como uma atividade de caráter essencialmente dêitico, pois em seu produto, e somente a partir dele, encontramos indícios da presença de subjetividades nesses espaços. Em nossa compreensão, a presentificação dos atores sociais nas RSI está atrelada à postagem de conteúdos nesses espaços, à sua materialidade sígnica. Dessa forma, retomamos o princípio da subjetividade linguística de Benveniste (2005).



Presentificar-se é, portanto, não apenas fazer-se presente naquele espaço virtual, mas é também instaurar o presente a partir do qual se enxergará a cena engendrada, participar dela e dar-nos a ver o que dela se enxerga. É posicionar-se, elegendo um ponto de vista, que é também um ponto de ancoragem. Essa noção de ponto de ancoragem nos conduz rumo ao centro dêitico da presentificação, que se assemelha ao centro dêitico da instância de discurso, o que nos leva a assumir a estreita relação entre presentificação e enunciação.

Da mesma forma que, enquanto não é posta em prática, a língua não é senão possibilidade de língua; o eu, enquanto não é enunciado, não está presente, não sendo senão possibilidade de subjetividade. Na ausência do eu, não haveria o tu, nem o agora, nem o aqui, da mesma forma que na ausência do ator social na rede social, não haveria nem plateia, nem palco, nem espetáculo nesse espaço. A cena dramaturgical de Goffman sustenta-se sobre a figura de um eu, cujo contínuo das presentificações é reconhecido como *self*.

Além da relação que estabelece com a ideia de ‘estar presente em um local’, a noção de presentificação relaciona-se ainda à ideia de ação em curso, uma vez que, no interior das RSI, o enunciado permanece gravado, reverberando aquela presença enquanto durarem os dados. A compreensão de presente convocada aqui vai além do tempo gramatical, assemelhando-se à noção de presente relacionada à instância de discurso, conforme explicam Flores *et al.* (2009),

Ela [instância de discurso] se identifica a uma temporalidade que contém os indicadores de subjetividade, ou seja, o tempo da instância de discurso é o momento sempre presente em que o “eu” fala de acontecimentos passados ou futuros. Trata-se de um presente implícito não assimilável ao presente gramatical. (p.142)

Ou seja, ao presentificar-se uma subjetividade no interior de uma RSI, ancora-se um ponto de vista do qual parte um emaranhado de relações que constituem uma cena, com pessoas, tempo e lugar delineados a partir do eu que a protagoniza. Dessa forma, presentificar-se termina por ir além da ideia de fazer-se presente em um espaço antes vazio, mas compreende também a instauração de um presente único, “coextensivo à nossa própria presença” (BENVENISTE, 2006, p. 85), reflexo da postulação do eu e de suas relações.

Até aqui, apresentamos nossas escolhas teóricas no que diz respeito ao objeto de pesquisa em função dele mesmo, partindo de seu entorno sociohistórico, passando pelas teorias que lhe deram forma, e chegando até nossas próprias considerações terminológicas. A seguir, discorreremos acerca das implicações resultantes da presentificação do eu virtual, voltando

nosso olhar para o lado oposto da cena, no qual se encontra um elemento igualmente importante para o espetáculo, o outro, também conhecido como plateia.

## 4 ASPECTOS TEÓRICOS III: O EU CONECTADO

Neste capítulo, explicitaremos as perspectivas teóricas que amparam nossa reflexão no que diz respeito à dimensão social da presentificação, compreendida aqui como as partes do processo nas quais o outro é inserido, participando da construção do eu que se instaura. Para tanto, consideramos fundamentais: a noção de capital social e seus desdobramentos, bem como os mecanismos de manutenção da polidez linguística.

### 4.1 O eu e o outro<sup>18</sup>

Conforme dito no capítulo 2, a noção de subjetividade apresentada por Benveniste engloba duas pessoas: eu e tu, não existindo um sem o outro. É essa interdependência que nos permite compreender a subjetividade em sua origem e ancoragem dentro de um determinado discurso, emergindo e pondo-se diante de um outro que, por sua vez, co-formata-a, atestando sua existência. Nas palavras do autor,

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. (pg. 286)

Tomando a reflexão acima, identificamos a mesma dinâmica de relacionamento na rede social, na qual o indivíduo se coloca diante de uma plateia que faz as vezes do ‘tu’ benvenisteano. É válido ressaltar que, relacionar-se, nesse contexto, não necessariamente implica interagir, podendo ser compreendido simplesmente como a ação de apresentar-se para uma plateia que pode ser verdadeira e conseqüentemente responsiva, ou apenas idealizada.

Na formulação de nossa tese, tomamos essa dialética linguística como norte para a análise da construção de subjetividades em contexto virtual. Mantidas as devidas proporções, enxergamos na criação de um perfil de RSI, o mesmo movimento que instaura a subjetividade benvenistiana, colocando esse sujeito diante de uma medida que optamos por chamar de outro, cuja função se assemelha a do tu proposto pelo autor. Devido às especificidades do universo da

---

<sup>18</sup> A noção de outro, para os fins desse estudo, deve ser compreendida como aquele que se coloca diante do eu, equivalente ao tu da enunciação linguística, e à plateia da metáfora dramática. Não deve ser confundido com o Outro, ou grande outro, das perspectivas filiadas à psicanálise lacaniana, que equivale à percepção e à resposta que construímos, inconscientemente, para as cargas de significados a nós atribuídos ao longo da vida, especialmente na infância.

pesquisa, o outro aqui será compreendido ora como um outro sujeito com o qual o eu interage individualmente, ora como todos os outros sujeitos para os quais se apresenta.

Para dar conta desse aspecto, recorreremos à metáfora dramaturgicada proposta por Goffman, que compreende o ator como indissociável de sua plateia, que pode ser composta por muitos, por um só ou por ninguém<sup>19</sup>, sem deixar de existir.

A adoção dessa perspectiva teórica nos permite avançar na compreensão das presentificações do eu virtual na medida que toma as interações entre os sujeitos como espetáculos apresentados por um ator para a sua plateia. Dessa forma, o eu pode ser entendido como uma engrenagem que tem a apresentação como atividade fim e a presentificação como rastro desse percurso.

Os posicionamentos e as ligações teóricas feitas ao longo desse trabalho evidenciaram a notória importância do aspecto social do nosso objeto de estudo, surgindo, portanto, a necessidade de contemplar essa nuance, averiguando como ela funciona e quais as suas contribuições para o fenômeno estudado. Diante disso, trazemos a noção de capital social para nossa discussão como forma de contemplar a dinâmica social que se forma quando sujeitos interagem em uma relação de interdependência.

## 4.2 Capital Social em RSI

Oriundo das Ciências Sociais e pensado para explicar as relações entre o homem e sua comunidade, o conceito de capital social tem grande incidência nos estudos de mercado e política, pois lança luz sobre o comportamento das comunidades diante de marcas, produtos, linhas de pensamento, etc. No que diz respeito às RSI, é tomado como uma alternativa para a abordagem da dinâmica que se constrói quando criamos laços uns com os outros e interagimos através deles.

Muito difundido no final do século XX e início do século XXI, é em Bourdieu (1980) que o conceito ganha projeção, ao ser apresentado como uma das facetas do capital. Segundo o autor, o capital social pode ser compreendido como

o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis

---

<sup>19</sup> Nesse caso o autor argumenta que, mesmo que não haja ninguém apreciando o espetáculo de um indivíduo, este cria em sua mente uma plateia em potencial, para a qual o espetáculo é pensado e apresentado.

de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis. (online)

Conforme Bourdieu, das relações sociais resultam valores, que podem ser gerados e usufruídos por aqueles que delas participam. Essas redes possuem uma relativa estabilidade compartilhada por seus componentes, que a reconhecem e se reconhecem como parte dela, sendo capazes ainda de agirem no intuito de fortalecê-la, gerando mais capital e atraindo novos adeptos. Dessa forma, o capital social pode ser compreendido como uma propriedade das redes sociais, um valor que se forma a partir da interação entre seus membros e que pode ser convertida em benefícios para os atores sociais e nutrição para a própria rede.

Para o autor, a obtenção e movimentação do capital social resultaria na geração de mais capital social, demandando dos indivíduos a adoção de estratégias de investimento social para fazerem parte dessa dinâmica e usufruírem desse benefício. Um exemplo desse movimento pode ser encontrado nas comunidades virtuais temáticas, nas quais os sujeitos entram tomando para si os traços identitários inerentes àquele grupo, apropriando-se do conhecimento construído e compartilhado por aqueles que chegaram lá antes deles e adquirindo a oportunidade e a autoridade para serem eles mesmos geradores de conhecimento. Em contrapartida, compete a eles contribuírem para o fortalecimento da comunidade, seja como geradores de conhecimento para o grupo, divulgadores do grupo para outros grupos ou apenas volume numérico para o todo.

A perspectiva de capital social pensada por Bourdieu permite interpretações voltadas para o sujeito, tomando-o a partir da rede na qual se insere e interpretando-o a partir dos valores sociais que produz e consome.

Partindo dessa linha de pensamento, Coleman (1990) compreende as instituições que compõem uma sociedade como potenciais detentoras de capital social. Pois essas instituições reuniriam sob seus propósitos indivíduos que, juntos, são capazes de produzir confiança e convertê-la em credibilidade para aquela rede. Dessa forma, a geração e administração desse valor simbólico exigiria planejamento e estratégias de ação. Essa compreensão da teoria fez com que a noção de capital social se tornasse cara aos estudos de administração de empresas e economia, tendo seu ápice nos anos 2000 e retornando atualmente no contexto do marketing em RSI.

Na perspectiva política, Putnam (2000) afirma que as comunidades coesas, detentoras de altos níveis capital social tendem a ser mais igualitárias, oferecendo oportunidades semelhantes aos seus membros e desencorajando oportunismos e corrupção,

mantendo um olhar vigilante sobre o bem comum construído. O autor ressalta que uma das características do capital social que o difere de outros tipos de bens coletivos é a sua dinâmica de geração, pois este tende a diminuir caso não seja utilizado, e tende a aumentar na medida em que é movimentado.

Para dar conta das diferentes nuances do fenômeno e operacionalizar as pesquisas sobre este conceito, autores como Nahapiet e Ghoshal (1998) identificaram e categorizaram diferentes tipos de capital social. Segundo eles, há três tipos desse capital, que podem coexistir simultaneamente em uma mesma rede, são eles: o capital social estrutural, o capital social relacional e capital social cognitivo. O primeiro diz respeito à estrutura e aos padrões das interações em uma dada rede social, a frequência dessas interações, a direção em que ocorrem, se de maneira simétrica, assimétrica, individuais ou coletivas. Essas características podem ser visualmente representadas nos gráficos de redes sociais, chamados de grafos. O segundo refere-se à intensidade das interações, leva em consideração o grau de aderência entre os atores que se conectam, observando se o vínculo estabelecido é estável ou instável, se o grau de afinidade entre os sujeitos é próximo ou distante, dentre outros aspectos. Essas conexões entre os participantes da rede são chamadas de laços, que podem ser fracos ou fortes. Já o terceiro tipo de capital social, denominado cognitivo, diz respeito ao conteúdo das interações realizadas entre os sujeitos, levando em consideração o código linguístico, as ideias, e os fatos compartilhados entre os sujeitos. É nessa instância que reside a maior parte do valor simbólico que será ofertado aos participantes da rede.

Conforme vimos, desde a sua concepção, a noção de capital social vem sendo aprimorada no intuito de dar conta das dinâmicas que acontecem no interior das redes sociais, sejam elas reais ou virtuais. Para os fins desta pesquisa, adotaremos a noção de capital social formulada por Bordieu (1980), pois, a nosso ver, ela contempla aspectos relevantes para a compreensão da presentificação dos sujeitos nas RSI. Essa correspondência evidencia-se no excerto abaixo, quando o autor explica o capital social como

[...] um agregado de recursos atuais ou potenciais vinculados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de familiaridade e reconhecimento mútuo decorrentes da ligação de um indivíduo a uma rede social. Neste sentido, a rede social seria uma espécie de sistema de laços e relações fundamentadas em compromissos e reconhecimentos recíprocos. O fato de o indivíduo pertencer à rede pode acabar revertendo em benefícios e vantagens diretas ou indiretas a ele. Desta forma, o capital social poderia ser percebido através do compartilhamento dos recursos entre os participantes da rede (BORDIEU, 1980).

O autor esclarece sucintamente como se dão as relações a partir do conceito abordado, explicitando a troca de valores subjetivos realizada a partir dessa dinâmica, que converte pertencimento em reconhecimento, vantagens, benefícios e compartilhamento de recursos. Dentre as possibilidades de conversão de valores oferecidas no âmbito das redes sociais, para os fins deste trabalho, nos deteremos na vertente que possibilita ao sujeito o reconhecimento e as sensações de validação e pertencimento.

Para identificar a presença desse valor simbólico em nosso objeto de estudo, a noção de estratégias é fundamental.

O capital social está necessariamente associado à noção de ‘estratégias’, já que são elas que constroem a rede de ligações como investimento – consciente ou não – orientado para a reprodução de relações sociais imediatamente utilizáveis. Ou seja, as estratégias destinam-se a transformar relações contingentes – como as de vizinhança, trabalho ou mesmo parentesco – em relações necessárias e eletivas, incluindo-se desde sentimentos de reconhecimento ou respeito até a noção de direitos. E na medida em que a troca torna os ‘objetos’ signos desse reconhecimento mútuo e até mesmo da inclusão no grupo, acaba produzindo o próprio grupo e seus limites. (NEVES; PRONKO; MENDONÇA, 2009)<sup>20</sup>

Podemos compreender estratégias como os esforços empreendidos no intuito de estabelecer ou fortalecer vínculos, elevando-os a status mais consistentes, criando laços mais fortes. Consequentemente, a soma desses esforços converte-se em capital social para a rede dentro da qual eles são promovidos. Dessa forma, as relações vão sendo moldadas, emergindo valores e sentimentos dos membros em relação aos outros membros, dos membros em relação à própria rede e, o que mais nos interessa, dos membros em relação a eles mesmos.

No contexto dessa tese, compreendemos a elaboração e o aprimoramento do eu virtual como um exercício profícuo em estratégias de geração de capital social. As redes sociais da internet, em especial, o Facebook, oferecem ferramentas para a construção, apresentação e correção de uma persona digital, tornando ainda mais fácil a movimentação desse valor no sistema.

A maioria das pessoas gosta de ter suas fotos ou comentários curtidos no Facebook, assim como sentem satisfação ao acompanhar a vida alheia. As redes sociais exploram as necessidades de aceitação e de pertencimento, manipulando também nossas fantasias. É isso que cria uma mania de postar e de checar, compulsivamente, o número de curtidas e comentários.” (PRIOSTE, 2016)<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Disponível em <<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/capsoc.html>>. Acesso em 24 Mar. 2017.

<sup>21</sup> Cláudia Prioste (Detox Digital, Capítulo 3). Disponível em <<http://contente.vc/detoxdigital/#cap3>>. Acesso em 06 Abr. 2017.

A possibilidade de reagir a, comentar ou compartilhar um conteúdo são ferramentas disponibilizadas pela rede e convertidas pelos usuários em estratégias para mensurar o capital social criado e movimentado a cada interação. O sujeito, uma vez no sistema, é seduzido a entrar nessa microeconomia virtual, na qual ele oferece para a rede sua presença e seus conteúdos e em troca recebe validação, aceitação e pertencimento, além de parâmetros para esmerar sua construção identitária de acordo com a plateia que o assiste.

A seguir, abordaremos uma das formas pelas quais compreendemos ser possível a manutenção desse jogo de faces, a partir do qual o eu calibra suas estratégias de interação com a plateia que o assiste, trata-se da polidez linguística.

### **4.3 Polidez linguística e preservação de faces**

Até este ponto, apresentamos posicionamentos teóricos que nos ajudaram a compreender a instauração, a postagem e os desdobramentos oriundos das presentificações do eu virtual. Para que esse panorama fique completo, trataremos agora dos aspectos inerentes à manutenção e ao aperfeiçoamento desse construto quando posto em contato com a sua plateia, estabelecendo com ela interação.

Para lançar luz sobre essa nuance das presentificações, recorreremos à Pragmática, vertente da Linguística que considera aspectos extralinguísticos, co e contextuais, e as escolhas feitas pelo emissor como relevantes para a construção e efeitos de sentido dos enunciados. Dessa forma, revela a existência de um falante autônomo, consciente do quê e de como deseja expressar, orquestrando para tanto mais do que o código linguístico. Essa noção de sujeito consciente e diligente em suas interações, agindo em função de algo que deseja alcançar, vai ao encontro da nossa concepção de eu virtual, que também age de forma deliberada em função de sua autoapresentação.

Para chegarmos à noção de polidez tal qual será tratada neste trabalho, é necessário nos reportarmos mais uma vez às pesquisas de Goffman (1967), situadas na seara da Sociologia conforme dito anteriormente. Ao observar as dinâmicas subjacentes às interações face a face, o autor ressalta que os envolvidos escolhem frentes, a partir das quais se apresentarão e participarão do espetáculo encenado, configurando o que optou por chamar de face. Segundo o autor, a face pode ser definida como “o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante o contato particular, [...] é uma imagem do eu delineada em termos de tributos sociais aprovados” (GOFFMAN,



1967). Da definição proposta pelo autor, depreendemos a existência de uma escolha socialmente motivada bem como de uma coerência expressiva (linha) que, juntas, atuarão para preservar a face postulada.

Na trilha dessas formulações, percebeu-se também que as interações possuíam nuances que, embora não materializadas literalmente por meio da linguagem, podiam ser percebidas pelo contexto no qual aconteciam. Tal impressão era de todo tão forte que sua existência poderia ser provada pelas ações que inspiravam e pelos resultados que obtinham, fazendo com que os atores envolvidos em uma determinada cena desempenhassem seus papéis de forma cooperativa (GRICE, 1982), em busca de um bem comum, a preservação das faces construídas. Campos de Sousa (2015), esclarece que

A manutenção de faces é, normalmente, uma condição da interação e não seu objetivo. Assim, estudar a preservação de faces é estudar as regras que regulam o andamento da interação social. As atitudes tomadas pela pessoa para adequar sua face com seus atos chamam-se preservação de *face-work*, ela serve para neutralizar incidentes. Aponta o aprumo como meio pelo qual a pessoa controla o seu constrangimento e as eventuais ações que estes poderiam causar em outras pessoas. (p.27)

Essas constatações, embora formuladas a partir de estudos de natureza sociológica, foram incorporadas pela Linguística a partir da emergência dos estudos pragmáticos, nos anos setenta do século XX, encontrando em Brown e Levinson (1987), importantes desdobramentos.

Ao observar as interações face a face a partir do *face work* proposto por Goffman, Brown e Levinson (1987) percebem diferentes nuances dentro dessa dinâmica de atuação social. Para os autores, a face possuiria duas frentes, podendo ser desmembrada em face positiva e face negativa, ambos os segmentos entrariam em ação durante as interações, sendo responsáveis por aspectos distintos da preservação de faces. Além disso, um traço espacial subjetivo é acrescentado à ideia, possibilitando tratar as faces como territórios, aos quais o outro pode ou não adentrar.

Esse desmembramento da face proporcionou uma operacionalização do conceito, que pode ser melhor visualizada no quadro a seguir:

Quadro 1 - Desmembramento da face, segundo Brown e Levinson (1987)

<b>Face Positiva</b>	Imagens de si Autocontemplação	Oferta	Polidez positiva
<b>Face Negativa</b>	Território físico Bens intelectuais	Negação	Polidez negativa

Fonte: elaborado pela autora

A face positiva pode ser compreendida como aquilo que de si o falante oferece para a conversação e para o seu interlocutor, enquanto a face negativa pode ser compreendida como aquilo que ele deseja preservar. Ao receptor é oferecida uma imagem esmerada e coerente do falante (a face) e é negado seu espaço físico e seus bens intelectuais, sendo o acesso a essas nuances regulados pelo sujeito. A partir dessa observação, é correto afirmar que em uma cena de interação há muito mais do que aquilo que é dito. Estão em jogo também as faces postuladas, numa tensão constante de avançar e retroceder rumo ao outro, sem sair de si mesmo.

Brown e Levinson (1987) denominam atos ameaçadores de face os atos de fala capazes de pôr em risco o projeto de face (positiva ou negativa) empreendido pelos falantes em uma determinada conversação. Dessa forma, tem-se os atos ameaçadores da face positiva e os atos ameaçadores da face negativa, do emissor e do receptor, conforme o quadro a seguir:

- Atos ameaçadores da face positiva do emissor: autocorreção, autocrítica, pedido de desculpas, etc.
- Atos ameaçadores da face positiva do receptor: correção, crítica, reprovação, discordância, zombaria, etc.
- Atos ameaçadores da face negativa do emissor: promessa, oferta, concessão, etc.
- Atos ameaçadores da face negativa do receptor: ordem, proibição, conselho, interpelação, pedido, etc.

No que diz respeito às faces negativas, levando em consideração seu traço territorial subjetivo, também podem ser considerados atos ameaçadores as investidas não verbais que porventura invadam o espaço do outro.

Diante da considerável quantidade de itens oriundos do conceito de face e, principalmente, devido à sua natureza dinâmica e contextual, é importante ressaltar que um determinado ato de fala não necessariamente se encaixará em apenas uma das subcategorias expostas acima, podendo fazer parte de mais de uma, simultaneamente, de acordo com o contexto no qual foi proferido (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Em vista do que foi explicitado, compreendemos a polidez como os esforços feitos durante a interação no intuito de preservar as faces apresentadas pelos atores sociais. Embora derivada de estudos que tomaram como *corpus* as interações face a face, o conceito pode ser estendido às situações nas quais a conversação é mediada por meios de comunicação<sup>22</sup>, ficando impressas na materialidade linguísticas as marcas do *face work*. Devido a essa versatilidade,

---

<sup>22</sup> Temática tratada em trabalhos como Oliveira (2012), Pelinson (2016), entre outros.

optamos por analisar as interações do eu virtual com a sua plateia a partir desse lugar teórico, que nos possibilita seguirmos na linha de pensamento de Goffman e na seara dos estudos linguísticos, à qual nos filiamos.

No contexto das presentificações do eu virtual, compreendemos que, ao postular o projeto enunciativo de si mesmo e postá-lo na rede, o usuário apresenta uma face que será posta à prova a cada nova interação com os outros atores aos quais se conecta. Esse jogo de oferta e ameaça pode ser interpretado como uma reelaboração virtual do *face work*, sobre a qual também incide a tensão social relatada por Brown e Levinson (1987). Esperamos que a natureza majoritariamente linguística das interações entre os sujeitos no âmbito das RSI nos permita flagrar os esforços do eu virtual no sentido de manter e aperfeiçoar sua autoapresentação.

Concluída a explanação dos principais eixos teóricos que sustentam nossa tese, partimos agora para a metodologia da pesquisa, na qual apresentamos as decisões metodológicas tomadas no intuito de operacionalizar a análise do objeto pesquisado à luz dos conceitos escolhidos.

## 5 METODOLOGIA

Neste capítulo, revelamos ao leitor os bastidores da pesquisa, que englobam desde as decisões metodológicas tomadas para este estudo, até a descrição das ações empreendidas em função dos questionamentos levantados no exercício investigativo. Num primeiro momento, trataremos da caracterização da pesquisa; em seguida, faremos a delimitação do universo e do *corpus* que serão estudados; logo após, explicitaremos os procedimentos de construção dos dados; adiante, discorreremos acerca das categorias de análise adotadas e, por fim, apresentaremos os procedimentos de análise para os dados construídos.

### 5.1 Caracterização da pesquisa

Esta tese tem como referência o paradigma qualitativo de pesquisa, voltando-se para os sentidos advindos das ações e interações entre os sujeitos. Ao pensar essa metodologia, tivemos o intuito de conceber um percurso analítico que sistematizasse a construção desses sentidos a partir das categorias de análise escolhidas para este estudo. Ressaltamos que, ao longo da análise, procedimentos quantitativos também foram convocados, o que não necessariamente altera a configuração exposta acima, uma vez que tais procedimentos foram colocados a serviço do exercício qualitativo principal.

Segundo Araújo (2012, p. 14), “a pesquisa qualitativa incorpora o estudo que procura sistematizar os significados que determinados acontecimentos e situações assumem para as pessoas que deles participam”. Dessa forma, compreendemos as presentificações do eu virtual como fenômenos inerentes ao contexto das RSI, resultantes de uma configuração social específica, que consome, produz e propaga sentidos sobre os quais se ergue.

Por conta do caráter social do qual se revestem as redes em questão e das especificidades das práticas que os atores sociais empreendem nesses espaços, optamos pelo viés etnográfico como caminho para adentrarmos ao campo da pesquisa e observarmos as performances dos sujeitos enquanto atores sociais pertencentes a uma comunidade que, se não os define, influencia.

Tributária das formulações de Geertz (2000), a etnografia foi pensada como abordagem para comunidades estranhas ao pesquisador, nas quais este se inseria, fazendo um trabalho de interpretação dos sentidos inerentes àquele grupo e a suas rotinas. Etapas como a entrada no campo de estudo e o relato das práticas da comunidade são primordiais nesse tipo

de pesquisa, porém, o avanço da tecnologia e a transposição das redes sociais do meio off-line para a web têm dado novos contornos aos estudos etnográficos, lançando as bases para uma perspectiva híbrida, que vem sendo chamada de netnografia ou etnografia virtual (HINE, 2000).

Da mesma forma que o desejo de compreender os significados inerentes às práticas sociais no contexto das RSI nos conduziu ao paradigma qualitativo, a organização dos indivíduos enquanto atores sociais que se presentificam nesse lugar virtual, por meio de valores socialmente compartilhados, nos conduziu para a perspectiva etnográfica. Entretanto, as especificidades do universo das redes sociais convocam novas leituras dessa prática, conforme Aguiar,

Não se trata de pensar a Internet como uma imagem simbólica ou um simulacro das redes sociais que se produzem no mundo real, nem de abordar separadamente redes reais e redes virtuais, e sim de observá-las como um amplo e complexo conjunto de relações formado na interseção de ambas. (2007, p. 4).

Assim, noções como espaço, tempo e a própria presença assumem novas nuances, que demandam do pesquisador uma reflexão para além das concepções convencionais. Como, por exemplo, a comunidade virtual cujo ritual de ingresso consiste em uma entrevista feita via Skype, depois da qual o indivíduo tem seu login e sua senha liberados para ‘entrar’ no espaço. Esse procedimento, segundo os curadores da comunidade, é adotado para que o contato seja mais verdadeiro e para que o novo adepto sintam-se verdadeiramente acolhido naquele meio. Ou seja, estamos diante de uma genuína intersecção entre o off-line e o online, contexto que demanda uma atualização do olhar que lhe é lançado.

Por conta dos argumentos elencados acima, assumimos, nesta tese, o caráter de etnografia virtual, por estarmos diante um fenômeno de caráter híbrido, que nos demandou uma abordagem igualmente plural, capaz de apreender os significados envolvidos na dinâmica de funcionamento desses espaços.

## **5.2 Delimitação do universo**

Dentre as diferentes possibilidades que compõem o universo das redes sociais da internet, o lócus desta pesquisa é a rede social Facebook, pois, neste espaço, identificamos um ambiente propício para a observação e análise das presentificações do eu virtual, seja pelos diferentes recursos disponibilizados para que os usuários falem de si mesmos na rede, seja pela aglomeração de perfis que interagem entre si, ocupando o lugar de plateia na perspectiva dramaturgica (GOFFMAN, 2011), à qual nos filiamos.

Além disso, a natureza complexa desse sistema (PAIVA, 2016) faz com que novas formas de presentificação surjam da interação nesse espaço, principalmente por meio das *affordances* disponibilizadas pela rede, que, uma vez adicionadas à interface, logo são apropriadas e utilizadas em função das performances individuais e suas apreciações. Foi o que aconteceu, por exemplo, com os botões ‘Compartilhar’ e ‘Comentar’: criados com os objetivos de, respectivamente, propagar informações e possibilitar interações em torno de um conteúdo, logo foram convertidos também em medidores de popularidade, capazes de atestar o alcance de uma postagem ao ser propagada na rede. Arelada a essa capacidade de propagação está também a popularidade do eu virtual que a produz, permitindo, a partir dessa interpretação, que tomemos esses índices como parâmetros para mensurar o êxito ou desventura do projeto enunciativo do eu virtual em questão.

Para além dessas especificidades qualitativas, vale ressaltar, conforme dito no capítulo 1, a relevância numérica que o Facebook atingiu na última década, configurando-se como a maior rede social do mundo, desde 2012<sup>23</sup>. Tamanho sucesso contribui para a relevância que o site vem adquirindo diante da população mundial bem como para o uso que essa faz do espaço virtual. Tal influência é tão contundente que ultrapassa os limites da rede, refletindo-se no meio off-line, principalmente, nos veículos de comunicação e na esfera cotidiana.

### **5.3 Coleta, triagem e composição do *corpus***

Uma das principais características da etnografia virtual é a possibilidade de valer-se de novos procedimentos no intuito de compreender os significados culturais inerentes ao contexto da internet. Para dar conta desse objeto singular, o pesquisador é convocado a empreender um exercício de observação e interpretação que contemple as especificidades do contexto, mobilizando, para tanto, adaptações e novos empreendimentos metodológicos. Araújo (2012, p.28), ao discorrer sobre essa demanda por outros olhares que as práticas da internet trazem, afirma: “Isso implica dizer que o uso da etnografia é feito à luz da criatividade intuitiva do pesquisador, que fará adaptações na utilização de métodos para construção e análise dos dados e, posteriormente, de sua narrativa etnográfica”.

Cientes dessas especificidades, apresentamos o recorte que fizemos das informações disponibilizadas pelos sujeitos da pesquisa na rede social em questão. Apesar desse

---

<sup>23</sup> Em 4 de outubro de 2012, o Facebook contabilizou 1 bilhão de usuários ativos, sendo por isso a maior RSI em todo o mundo. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>. Acesso em 25 Jan 2018.

momento da metodologia ser constituído basicamente da observação dos dados dispostos, compreendemos que o que delimita e direciona seu papel no fenômeno é o olhar lançado sobre eles, o que, em certa medida, termina por ser também um exercício de construção; para isso, tomamos decisões metodológicas que explicitamos a seguir.

### 5.3.1 *O Lugar*

Devido ao extenso número de usuários do Facebook no Brasil<sup>24</sup> e à necessidade de definir um recorte que tornasse o exercício de análise possível, selecionamos um ponto de ancoragem, dentro da rede social, a partir do qual foram escolhidos os participantes da pesquisa. Tomamos como ponto de partida a fanpage “O lugar”<sup>25</sup>, criada para reunir os participantes e simpatizantes do site [olugar.org](http://olugar.org) que, por sua vez, abriga uma comunidade virtual cujo objetivo é o desenvolvimento pessoal<sup>26</sup>.

A opção por este ponto de partida deve-se à experiência pessoal da pesquisadora enquanto participante do grupo; e do perfil de seus adeptos, geralmente, usuários assíduos da internet e das redes sociais, especialmente do Facebook. Aliada a isso, consideramos também a influência que esse tipo de espaço interativo exerce nas rotinas de uso que os sujeitos fazem das RSI, já que muitos textos são compartilhados, redes de interação são formadas e práticas de desenvolvimento pessoal são sugeridas e executadas via internet, algumas, inclusive, convertendo-se em encontros presenciais. Essa rotina de ações inspira os sujeitos a relatarem suas práticas e trocarem experiências, gerando uma quantidade considerável de interações, tanto no site, quanto na fanpage dO Lugar. Além disso, por ser um grupo bastante atuante no cotidiano de seus adeptos e por se propor a empreender transformações pessoais naqueles que nele estão inseridos, reconhecemos nO Lugar (Figura 4) um nicho capaz de inspirar, sob sua proposta, presentificações de um eu virtual que, por serem pautadas em um projeto enunciativo relativamente estável (o ser em evolução), são passíveis de uma análise sistemática, capaz de chegar a conclusões, na medida do possível, elucidativas sobre a temática desta tese.

---

<sup>24</sup> São mais de 100 milhões de usuários no Brasil. Disponível em < <https://olhardigital.com.br/noticia/facebook-tem-mais-de-100-milhoes-de-usuarios-brasileiros/57706>>. Acesso em 25 Ago. 2017

<sup>25</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/olugar.org>>. Acesso em 06 Nov. 2017.

<sup>26</sup> Disponível em <[olugar.org](http://olugar.org)>, o grupo se define como “um espaço online para pessoas dispostas a fazer o trabalho (diário, paciente e às vezes sujo) da transformação”. Segundo os idealizadores, “cada pessoa é desafiada a se familiarizar com seu mundo interno e investigar diretamente, colocando à prova da experiência: Como a gente se transforma, pra valer, sem oba-oba ou fogos de artifício, com o pé no chão do cotidiano? O que é felicidade genuína? Como aproveitar os problemas nos relacionamentos, no trabalho, nas finanças, na vida em geral, em um caminho de florescimento humano? de transformação coletiva”.

Figura 4 – Página inicial do site olugar.org



Fonte: olugar.org

Além do site, o projeto conta também com uma fanpage no Facebook, reproduzida abaixo:

Figura 5 – Fanpage do Lugar no Facebook



Fonte: Facebook.com

Após a escolha do ponto de partida da coleta dos dados para este estudo, nosso próximo passo foi definir quem seriam sujeitos da pesquisa e quais critérios direcionariam essa escolha. É o que trazemos a seguir.



### 5.3.2 Os sujeitos

Durante o planejamento desta tese, quando ela ainda não passava de um projeto de pesquisa, nossa escolha pelos sujeitos da pesquisa baseava-se em seu pertencimento à comunidade dO Lugar e à sua respectiva fanpage no Facebook. Acreditávamos que a opção de se inserir nesses espaços naturalmente direcionaria o usuário a um projeto enunciativo de si mesmo relativamente estável e coerente, que apontaríamos em nossas análises. Como já era de se esperar, nossas aspirações à coerência e à operacionalidade gratuita foram desfeitas à medida que a tese amadurecia, os dados mostraram-se menos dóceis do que imaginávamos.

O primeiro obstáculo para a escolha dos sujeitos da pesquisa foi o fato de a fanpage não permitir a visualização de seus seguidores, limitando-se apenas a exibir a quantidade de pessoas a ela relacionadas (54.021 em 02/10/2017) e quais delas faziam parte da lista de amigos da pesquisadora. Se insistíssemos nesse caminho, o *corpus* da pesquisa se limitaria às postagens de 8 perfis cuja proximidade com a pesquisa e sua autora colocariam em xeque todo o projeto.

Diante disso, decidimos escolher os sujeitos da pesquisa não mais em função de sua filiação à fanpage e ao site dO Lugar, mas sim em função de sua efetiva interação com a página da comunidade. Como interação, neste caso, consideramos os comentários feitos pelos usuários nas postagens divulgadas na fanpage em questão, ou seja, só foram analisados os perfis que comentaram os conteúdos postados nO Lugar, no Facebook. Essa escolha vai ao encontro de nossa linha de pensamento ao levar em consideração as pistas deixadas pelo eu virtual em suas interações, pistas essas que, aliadas a outros itens, evidenciam a presentificação desse eu no lugar virtual. Dessa forma, estabeleceu-se que os sujeitos da pesquisa seriam, em primeira instância, aqueles que foram até a fanpage e deixaram comentários nos conteúdos divulgados, como mostra a imagem a seguir:

Figura 6 – Postagem com comentários

 **o lugar** 18 de junho de 2017 · Instagram · 🌐

"Quanto mais relaxado você estiver, melhor você será em tudo. Melhor você será com aqueles que você ama, melhor você será com seus inimigos, melhor você será no seu trabalho, melhor você será com você mesmo."  
—Bill Murray, tradução livre de uma postagem do perfil @\_\_nitch.




 Curtir  Comentar  Compartilhar

   e outras 311 pessoas Comentários mais relevantes ▾

61 compartilhamentos 7 comentários

 Escreva um comentário...

 sobre o que falamos ontem. 🥰🍀  
descobri essa página hoje.  
Curtir · Responder · 36 sem  1

 por isso que eu to sempre relaxada  
Curtir · Responder · 37 sem  1

↳ 7 Respostas

 : ... Mente presente e harmônica com o aqui e agora...  
Curtir · Responder · 37 sem  1

Fonte: Facebook.com

Nesta imagem observamos o conteúdo e a interação dos seguidores em função dele. Em geral, as temáticas propagadas pelo Lugar dizem respeito à meditação, autoconhecimento e empatia, entre outros temas. Os seguidores constroem seus comentários geralmente relatando experiências pessoais com a temática proposta, ou apenas validando o conteúdo. São raras as ocasiões em que discordam do que foi dito.

### **5.3.3 *As postagens***

Uma vez decidido que o ponto de partida da pesquisa seria a fanpage do Lugar no Facebook, tomando como sujeitos os usuários que interagiram por meio de comentários nos conteúdos lá postados, ainda havia a necessidade de definir quais conteúdos agregadores de comentários seriam considerados na análise e por qual intervalo de tempo. Essa demanda surge devido ao fato de a fanpage em questão ter sido criada em janeiro de 2008 e fazer em média duas postagens ao dia, o que gera um volume considerável de interações, o que, se não fosse cuidadosamente delimitado, estenderia excessivamente o trabalho de análise.

Diante dessa demanda, optamos por considerar como matrizes da coleta dos dados as postagens feitas pela fanpage no intervalo de um ano, o ano de 2017, sendo a primeira delas datada de 01/01/2017 e a última em 31/12/2017. A escolha desse intervalo de tempo possibilitou uma observação completa das temáticas que aparecem na fanpage em função do tempo, tais como datas comemorativas, início e final de ciclos, além da divulgação de eventos e parcerias. Acreditamos que o fluxo de interações varia de acordo com a disponibilidade e interesse dos sujeitos nos conteúdos divulgados e que essas categorias estão intimamente ligadas a fatores relacionados ao tempo dedicado pelos indivíduos para navegação na internet, seja no tempo livre durante o intervalo do almoço, seja no tempo livre durante as férias e recessos de final de ano, por exemplo. Dessa forma, a opção pela coleta no intervalo de um ano nos permitiria observar as interações sem prejuízos de fluxo em função do tempo.

Apesar disso, a coleta de um ano de postagens mais os comentários a elas direcionados ainda se configuraria como um volume excessivo de dados, sendo necessário um segundo refinamento. Por conta disso, optamos por refinar novamente as postagens analisadas, agora em função do capital social angariado por elas.

Conforme explicitado no capítulo anterior, o capital social nas RSI pode ser mensurado por meio das reações, comentários e compartilhamentos dos conteúdos propagados por um determinado perfil. Dentre essas possibilidades, optamos por considerar a quantidade

de reações<sup>27</sup> a um determinado conteúdo como o índice de capital social das postagens selecionadas para esta pesquisa. Por conta disso, fizemos o levantamento da quantidade de curtidas atingidas pelas postagens durante o ano de 2017 e, de posse dessas informações, obtivemos a média de reações por postagem na fanpage, que é 200. A partir desse número, definimos como critério de escolha das postagens analisadas, um alcance de reações acima da média, o que possibilitaria uma maior gama de sujeitos para a análise dos perfis e garantiria a relevância da amostra selecionada.

Após a aplicação desses critérios, organizamos as postagens selecionadas para o *corpus* em uma tabela, da seguinte forma:

Tabela 1 – Organização das postagens em função do tempo e do capital social

	A	B	C	D	E	F
1	Trimestre	Data	Reações	Comentários	Link	Título
2	T1	01/01/2017	310	6	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Ano Novo
3		02/01/2017	229	17	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Tenho sentido bastante cansaço
4		03/01/2017	228	2	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Em 2016 ficou claro...
5		04/01/2017	349	14	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	As redes sociais não ensinam
6		23/01/2017	282	39	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/videos/102077281...">https://www.facebook.com/olugar.org/videos/102077281...</a>	Aqui está o video...
7		01/02/2017	229	35	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Convidamos Eve Ekman
8		10/02/2017	208	4	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Aprender a meditar é...
9		16/02/2017	201	10	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	A questão não é a perda...
10		22/02/2017	1001	44	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/posts/1050306685...">https://www.facebook.com/olugar.org/posts/1050306685...</a>	Toda semana, enviamos...
11		08/03/2017	714	19	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Poesia da formidável Rupi...
12		12/03/2017	445	19	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Boa parte da nossa angustia...
13		22/03/2017	294	12	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	O apego diz...
14		18/04/2017	726	42	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/posts/1102902889...">https://www.facebook.com/olugar.org/posts/1102902889...</a>	Vamos começar um grupo
15		23/04/2017	209	11	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Encontrar o equilíbrio significa...
16	27/04/2017	1400	79	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/posts/1112978802...">https://www.facebook.com/olugar.org/posts/1112978802...</a>	O lugar é uma comunidade...	
17	27/04/2017	2700	369	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/posts/1112988492...">https://www.facebook.com/olugar.org/posts/1112988492...</a>	O lugar é uma comunidade...	
18	T2	04/05/2017	219	2	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Você tem que investir no mundo...
19		12/05/2017	954	46	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Acho que uma das coisas mais...
20		03/06/2017	248	1	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	A atenção é a forma mais pura...
21		18/06/2017	312	7	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	Quanto mais relaxado você estiver...
22		27/06/2017	242	8	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...">https://www.facebook.com/olugar.org/photos/a.3753704...</a>	No lugar estamos investigando...
23		10/07/2017	364	17	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/posts/11181131465...">https://www.facebook.com/olugar.org/posts/11181131465...</a>	Se todos os seres se movem

Fonte: elaborada pela autora

Na tabela acima, as postagens que obtiveram número de reações superior à 200, estão organizadas em linhas. Já as colunas representam, respectivamente, o trimestre no qual o conteúdo foi divulgado, a data da divulgação, a quantidade de reações obtidas, a quantidade de

<sup>27</sup> Optamos por considerar como índice de capital social apenas as reações obtidas pelo conteúdo em detrimento dos outros índices fornecidos pela rede devido aos seguintes fatores: a quantidade de comentários demandaria procedimentos de coleta e contagem morosos, que teriam de ser repetidos na análise do segundo objetivo específico, que diz respeito ao conteúdo desses comentários. Já o compartilhamento desse conteúdo não apresenta relevância para a seleção dos perfis analisados, uma vez que esse tipo de interação está sujeito a filtros de privacidade que, embora apresentem o número de vezes que um conteúdo foi propagado, por vezes, impedem que se tenha acesso à postagem compartilhada. Diante disso, a quantidade de reações nos pareceu a forma mais objetiva e relevante de detectar a popularidade de uma postagem, estando inclusive, intimamente ligada ao segundo objetivo da pesquisa, que se debruçará sobre os comentários feitos pelos sujeitos. Quanto mais reações, mais comentários.

comentários reunidos por ela, o link de acesso e o texto inicial. A compilação dessas informações facilitou a análise dos dados, uma vez que dispensa inúmeras visitas à mesma imagem capturada ou ao mesmo link de acesso.

Ao final dessa triagem, acumulamos um total de 45 postagens que, somadas, apresentavam 891 comentários, a grande maioria vinda de usuários diferentes. Poucos foram os casos em que o mesmo sujeito fez vários comentários. Era necessário mais um filtro no refinamento nos dados.

Para diminuir o volume de dados, sem prejuízo para representatividade do *corpus*, recorremos novamente ao tempo como critério de seleção. Dessa vez, optamos por selecionar a postagem mais representativa em número de reações por trimestre, para não perdermos de vista o recorte temporal, nem a popularidade. Assim, chegamos às quatro postagens matrizes, a partir das quais os sujeitos da pesquisa seriam inicialmente selecionados.

Tabela 2 – Postagens matrizes do *corpus*

Trimestre	Data	Reações	Comentários	Link	Título
T1	08/03/2017	714	19	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/p">https://www.facebook.com/olugar.org/p</a>	Poesia da formidável Rupi..
T2	12/05/2017	954	46	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/p">https://www.facebook.com/olugar.org/p</a>	Acho que uma das coisas mais...
T3	12/07/2017	483	8	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/p">https://www.facebook.com/olugar.org/p</a>	Eu amo a abordagem prática...
T4	15/10/2017	247	18	<a href="https://www.facebook.com/olugar.org/v">https://www.facebook.com/olugar.org/v</a>	Estamos irremediavelmente sozinhos...

Fonte: elaborada pela autora

A tabela 2 apresenta a sistematização das postagens que serviram como fonte para a coleta dos dados desta pesquisa. Feita essa triagem, obtivemos as postagens a partir das quais os sujeitos da pesquisa seriam selecionados. Ao todo, as quatro postagens selecionadas obtiveram, juntas, 91 comentários. Excluídos os casos nos quais o mesmo perfil comentou mais de uma vez, e os casos nos quais o perfil comenta em resposta a um comentário no qual foi marcado, chegamos aos 78 perfis efetivamente analisados nesta tese.

O próximo passo foi a captura das telas nas quais esses conteúdos apareciam. Todas as capturas de tela oriundas do Facebook apresentadas nesta tese foram feitas e salvas por meio da ferramenta ‘Nimbus Screenshot’, extensão do navegador Google Chrome que exerce a função de captura de tela com uso da barra de rolagem, possibilitando assim a captura de longas extensões de informação, conforme nos mostram as imagens abaixo. Além desse procedimento de tratamento dos dados, após a captura, as imagens foram salvas no computador da pesquisadora, o qual está conectado a repositórios na nuvem (OneDrive e GoogleDrive), visando a evitar possíveis extravios.

A seguir, apresentamos na íntegra as postagens matrizes que direcionaram a construção do corpus desta pesquisa.

Figura 7 – Postagem matriz do trimestre 1

**o lugar**  
8 de março de 2017 · 🌐

Poesia da formidável Rupi Kaur, no livro "Outros jeitos de usar a boca". Que hoje, muito além das flores, a gente refaça o voto de entregar um outro mundo para as próximas gerações de mulheres. Livro recomendado para nós pela Júlia Tolezano (Jout Jout).

quero pedir desculpa a todas as mulheres  
que descrevi como bonitas  
antes de dizer inteligentes ou corajosas  
fico triste por ter falado como se  
algo tão simples como aquilo que nasceu com você  
fosse seu maior orgulho quando seu  
espírito já despedaçou montanhas  
de agora em diante vou dizer coisas como  
*você é forte* ou *você é incrível*  
não porque eu não te ache bonita  
mas porque você é muito mais do que isso

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍❤️😱 ( [ ] ) : outras 713 pessoas    Comentários mais relevantes ▾

929 compartilhamentos    19 comentários

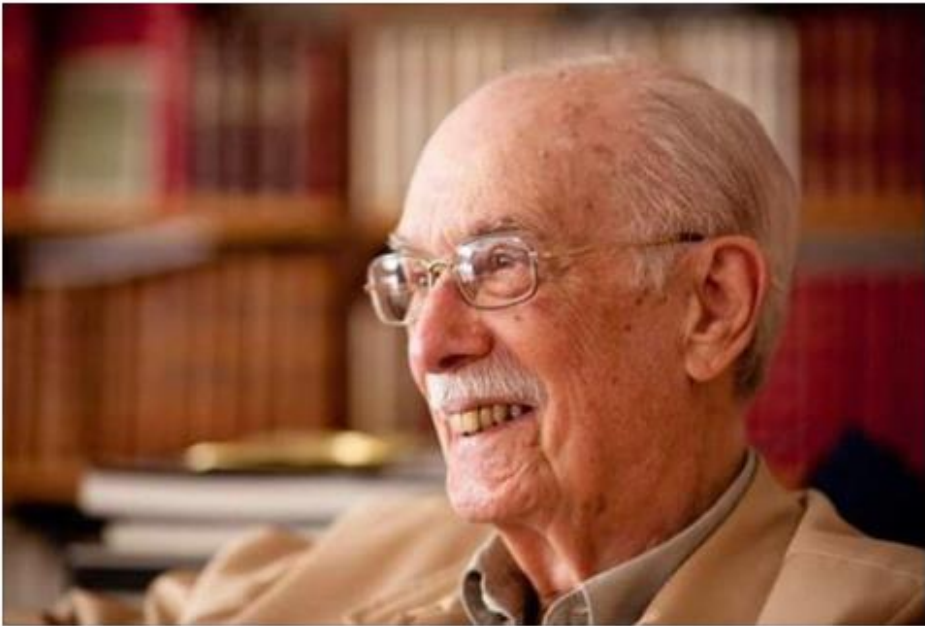
Fonte: Facebook.com

Figura 8 – Postagem matriz do trimestre 2

**o lugar** 12 de maio de 2017 · 🌐

"Acho que uma das coisas mais sinistras da história da civilização ocidental é o famoso dito atribuído a Benjamim Franklin, 'tempo é dinheiro'. Isso é uma monstruosidade. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo. Esse tempo pertence a meus afetos. É para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis. Isso é o tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo como universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: 'eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize'. As bibliotecas, os livros, são uma grande necessidade de nossa vida humanizada."

—Antonio Candido



Curtir      Comentar      Compartilhar

Karla Oliva e outras 953 pessoas      Comentários mais relevantes ▾

Fonte: Facebook.com

Figura 9 – Postagem matriz do trimestre 3

 **o lugar**  
12 de julho de 2017 · 🌐

"Eu amo a abordagem prática que Jinpa usa para tirar a compaixão do pedestal das ideias impossíveis e trazê-la para a realidade confusa que é o dia a dia da vida humana. Este é um dos livros mais importantes para esses tempos difíceis." —Richard Gere

Em algumas semanas, vamos começar um grupo de estudos e práticas com base no livro "Um coração sem medo", de Thupten Jinpa. Será online com pessoas de todo canto!

PARTICIPE → [olugar.org/coracao](http://olugar.org/coracao)




 Curtir       Comentar       Compartilhar

 483      Comentários mais relevantes ▾

Fonte: Facebook.com



Figura 10 – Postagem matriz do trimestre 4



**o lugar**  
15 de outubro de 2017 · 🌐

"Estamos irremediavelmente sozinhos. Se ignoramos a realidade da solidão, nos apegamos e tentamos prender o outro. Por outro lado, não podemos evitar: estamos conectados. Se ignoramos a realidade da conexão, nos deprimimos e evitamos os outros. O fato de estarmos conectados coexiste com o fato de estarmos sozinhos, um não reduz o outro. Quando nos comunicamos com a solidão do outro, estamos reconhecendo sua liberdade de ir embora a qualquer momento. O amor aumenta com a solidão."

Um trecho do texto "Fica comigo?", do @gustavogitti. O texto está disponível no Medium do lugar: [medium.com/olugar](https://medium.com/olugar)

Arte de: @giusepperagazzini #artistaparaconhecer

4,4 mil visualizações

👍 Curtir      💬 Comentar      ➦ Compartilhar

👍❤️😱 247      Comentários mais relevantes ▾

Fonte: Facebook.com

É válido ressaltar que, dos comentários feitos nas postagens acima, consideramos aqueles provenientes de perfis cujo conteúdo era apresentado de maneira pública dentro da rede social. O que significa dizer que qualquer pessoa cadastrada no Facebook teria acesso ao perfil, às postagens e aos comentários feitos pelo indivíduo na RSI. A publicização de conteúdos por

parte dos usuários da rede social, bem como as interações empreendidas por estes em fanpages igualmente acessíveis, evidencia sua opção por estabelecer laços, fazendo o uso dinâmico da rede social, colocando-se em evidência e construindo conexões rastreáveis que, somadas a outros elementos, constituem indícios da presentificação desses indivíduos no lugar virtual.

#### 5.3.4 Os dados

Após a construção do percurso metodológico que nos guiou rumo aos dados da pesquisa, foi necessário tomar mais algumas decisões. Uma vez diante dos perfis que seriam analisados, surgiu a pergunta: O que analisar? Pois sabemos que praticamente tudo que é disponibilizado pelo Facebook para seus usuários termina convertendo-se em pistas que estes dão sobre si mesmos, numa eterna narrativa egodêitica, cuja finalidade é, senão construir-se, pelo menos, mostrar-se. Além disso, também foram levantados questionamento acerca de quais dados poderiam ser considerados e apresentados na pesquisa, pois informações pessoais como nome, sobrenome, foto e localização dos sujeitos também são publicizados na RSI.

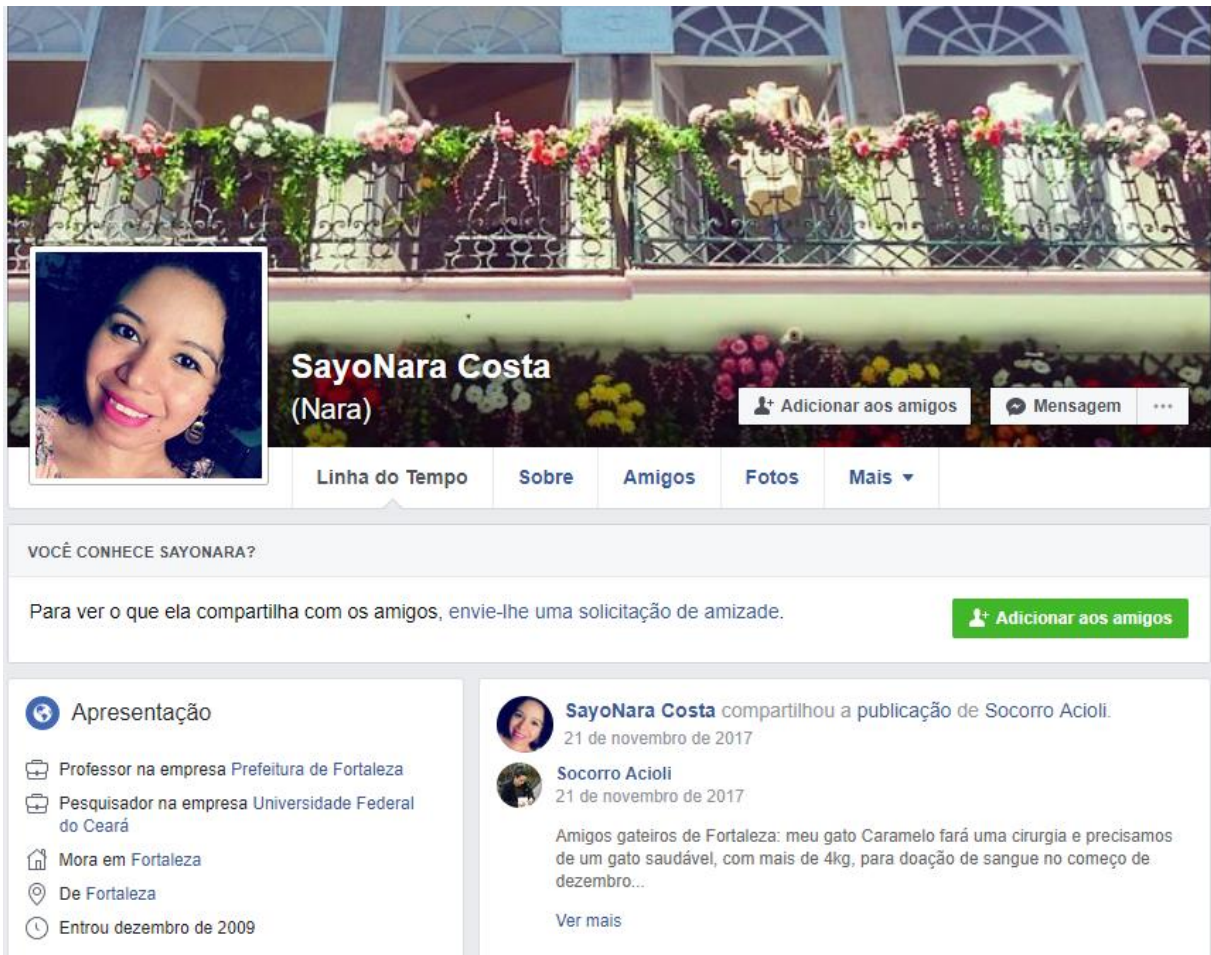
Do ponto de vista ético, surgiram inquietações acerca de que procedimentos deveriam ser tomados ao lidar com os sujeitos e suas identidades. Se seria necessário submeter o projeto de pesquisa ao comitê de ética, pedir autorização aos indivíduos para uso de seus conteúdos, lavrar um termo de esclarecimento e livre consentimento, dentre outros. Essas reflexões nos levaram a mais uma decisão: assim como Komesu (2005) e Freitas (2015), que pesquisaram postagens de conteúdo confessional em blogs e no Twitter, respectivamente, compreendemos que os conteúdos compartilhados no Facebook, no modo público, são de livre acesso a qualquer pessoa na internet, tendo o sujeito abdicado de controlar sua propagação a partir do momento que as difunde dessa maneira. Conforme vimos no início desta tese, uma vez propagada, a informação foge do controle de seu autor, tornando-se de domínio público, podendo, por isso, ser utilizada para fins acadêmicos, como os deste trabalho.

Um outro aspecto a ser decidido foi quais informações seriam mostradas e ocultadas nesta tese para fins de preservação da identidade dos sujeitos da pesquisa. Nesse ponto, optamos por desconsiderar informações que possibilitassem a identificação e a localização do indivíduo, tais como o nome, foto de perfil e dados de localização.

Feita mais essa triagem, chegamos efetivamente ao *corpus* da pesquisa, que será constituído 1) pelos comentários dos sujeitos na fanpage do Lugar (Figura n); 2) pelas fotos de

capa e pelas informações disponibilizadas na seção ‘Apresentação’ do perfil (Figura n); 3) pelos índices de capital social alcançados por esses conteúdos (comentários e foto de capa).

Figura 11 – Exemplo de perfil (foto de capa e seção de apresentação do perfil da autora)



Fonte: Facebook.com

Na figura 11 temos um exemplo de como foto de capa e seção de apresentação ancoram o sujeito na rede social. Esperamos, com essa escolha, flagrar o uso consciente desses *affordances* como elementos constitutivos da fachada social do eu virtual, que ao interagir com a sua plateia (por meio dos comentários), movimentam o capital social da rede, convertido em comentários, reações e compartilhamento de conteúdos. Essa dinâmica de funcionamento do perfil dos indivíduos é o que, na nossa compreensão, presentifica o eu virtual na RSI.

## 5.4 Categorias de análise

Uma vez construído o *corpus*, nosso exercício de análise girou em torno de três categorias centrais, que correspondem a cada um dos objetivos específicos deste trabalho. Com as categorias propostas, temos o intuito de circunscrever aspectos relativos ao exercício da presentificação do eu virtual no Facebook, flagráveis a partir da materialidade de dados dos conteúdos postados. Atentemos ao que afirma Goffman (2011),

Na medida em que os outros agem como se o indivíduo tivesse transmitido uma determinada impressão, podemos ter uma perspectiva funcional ou pragmática, e considerar que o indivíduo projetou “efetivamente” uma certa definição da situação e “efetivamente” promoveu a compreensão obtida por um certo estado de coisas. (p. 16)

Para o autor, o momento da encenação faz muito mais do que pôr em campo um papel social, mas projeta uma situação e representa um estado de coisas, ambos constituídos pelo binômio ator-plateia que, por sua vez, também são forjados a partir dessa enunciação, presentificando-se. Cientes dessa relação dialética, fizemos um percurso da Psicologia Social para a Pragmática Linguística, no intuito de circunscrever os mecanismos formais que tornam possível esse efeito de linguagem.

Partindo do princípio de que performizar papéis sociais em uma RSI é uma forma de presentificar-se dentro dela e tomando a enunciação linguística como mecanismo imprescindível para esse exercício, **propomos, para o alcance de nosso primeiro objetivo, uma análise conjunta, que relaciona as categorias listadas por Goffman (2011) para o estudo das fachadas a mecanismos linguísticos de atuação do eu no texto enunciado, tanto no modo verbal quanto no modo visual.** Diante disso, analisaremos a fachada social dos sujeitos, observando como aparência e maneira são gerenciadas em função das presentificações. A opção por circunscrever a análise ao estudo das fachadas deve-se à sua natureza plural, sendo um artefato social disponível para todos os atores, porém, engendrado por cada um deles a sua própria maneira, guardando dessa forma uma faceta idiossincrática. Além disso, uma vez estabelecida a fachada, mecanismos linguísticos são convocados no intuito de amortecer os choques de opiniões e aparar possíveis arestas resultantes das interações entre os sujeitos.

Os esforços do eu virtual no intuito de preservar a face construída pode ser percebido tanto nas interações escritas quanto nas ações que este empreende na rede social. Desde um cumprimento, passando pela ocultação de uma imagem podendo chegar até a exclusão de outros perfis com os quais o diálogo não flui facilmente, diversos são os caminhos pelos quais é possível dar maior coerência expressiva e polimento para o personagem

construído nesse espaço, no qual os mecanismos de polidez são imprescindíveis e bastante diversificados. A partir do momento que o eu virtual tem sua face construída e apresentada no palco diante da plateia, estabelece-se uma tensão típica das interações sociais. A ameaça à face é uma constante em qualquer ação que envolva o outro, ficando a cargo do ator que se apresenta a preservação da fachada construída. Partindo desse princípio, **para atingir o segundo objetivo da pesquisa, analisaremos o conteúdo escrito dos comentários feitos pelos sujeitos, observando o emprego de estratégias de preservação de faces, no intuito de polir e proteger a fachada construída para o eu virtual.** Tomaremos como amostra os comentários feitos pelos sujeitos nas postagens da fanpage do Lugar, devido à visibilidade e responsividade que esse espaço oferece aos que o frequentam, e por acreditamos que é ao mostrar-se em palco público que o eu é posto à prova.

A natureza absorbitiva das RSI possibilita que aspectos das rotinas sociais off-line encontrem eco nas dinâmicas de interação virtual, dessa forma, questões como as debatidas no tópico 4.1 (O Eu e o outro) são transportadas para espaços como o Facebook, onde ganham novas nuances e têm seu alcance estendido. Diante desse contexto, é comum a criação ou mesmo a apropriação de recursos dessas interfaces, que são colocados a serviço dessas rotinas sociais. Funcionalidades pensadas, a princípio, para a manutenção de laços são apropriadas e transformadas em medidores de popularidade e aceitação. Valores simbólicos (BOURDIEU, 1980) são construídos e propagados nesses sistemas tornando-se itens desejados e perseguidos a cada postagem, por vezes, ditando-lhes estilo e temática, como é o caso do capital social.

Redes que propagam conteúdos e possibilitam a organização e execução de ações coletivas contam com altos níveis de capital social constituído pela audiência que esse público representa e pelo poder de influência que pode conferir. Na prática, o sujeito que se destaca, por exemplo, postando fotos de looks diários, ao ter suas postagens curtidas, comentadas e compartilhadas, atinge um público ainda maior e adquire o poder de influenciá-lo. A busca por esse capital, monetizado em cliques, orienta as ações dos atores sociais no interior das RSI (COSTA, 2010), inspirando ações que vão desde a troca de uma foto de capa, até a convocação de leitores para uma determinada postagem por meio do recurso de marcação de perfis. As performances parecem ser calibradas também em função do capital que são capazes de angariar, fato que tem reflexo nas formas pelas quais os sujeitos se presentificam.

Diante desse contexto, elegemos **os índices de capital social, materializado em reações positivas e comentários**, como terceira categoria de análise, objetivando flagrar a influência da plateia no papel social executado pelo sujeito. Para tanto, serão contabilizadas as

reações conquistadas pelos conteúdos postados pelo sujeito em seu perfil pessoal, e também aquelas conquistadas pelos comentários feitos por esses mesmos sujeitos na fanpage em questão.

Com as categorias propostas, esperamos analisar as presentificações do eu virtual no Facebook, observando como os indivíduos concebem a si mesmos em relação aos fatos relatados e ao meio no qual figuram, e se e como calibram esses regimes de atuação em função do feedback que recebem de seu público.

### **5.5 Procedimentos de análise**

Para colocar em prática o percurso analítico apresentado, foram efetuados os seguintes procedimentos:

1. Com vistas a atingir o objetivo de analisar o estabelecimento de uma fachada social (GOFFMAN, 2011) como mecanismo pelo qual o sujeito instaura a si mesmo no universo do Facebook, empreendemos a análise interpretativa dos principais elementos constituintes do perfil dos sujeitos pesquisados, sendo elas: a foto de capa e a seção de apresentação. Observamos a existência ou não de um projeto enunciativo coerente no intuito de construir uma face bem definida para aquele eu virtual ou se os elementos que ancoram sua existência neste lugar virtual são aleatórios e não constituem unidade.
2. No que diz respeito às estratégias de preservação de faces mobilizadas pelos sujeitos pesquisados, nosso objetivo foi explorar o uso da polidez linguística como mecanismo capaz de conferir coerência e estabilidade às fachadas sociais construídas pelos usuários do Facebook. Nesse intuito, observamos os diálogos estabelecidos na caixa de comentários das postagens coletadas, em busca de expressões apaziguadoras, modalizações e quaisquer outros indícios de investimento linguístico direcionado a blindar a fachada construída.
3. Por fim, objetivando analisar a legitimação das presentificações dos usuários do Facebook com base nos usos que estes fazem do capital social construído na rede, uma vez tratados e analisados os dados no que diz respeito aos procedimentos anteriores, fizemos a correspondência entre as postagens coletadas e seus respectivos índices de capital social. Junto a cada postagem, foram anotados os números de reações positivas,

compartilhamentos e comentários, no intuito de perceber qual estratégia de presentificação obteve maior aceitação por parte do público.

Apresentados os bastidores da nossa pesquisa, seguimos agora para a análise dos dados à luz das correntes teóricas e decisões metodológicas relacionadas até aqui.

## 6 ANÁLISE

Neste capítulo, apresentaremos os resultados encontrados ao submetermos os dados coletados ao construto metodológico engendrado nesta pesquisa. Contudo, antes desse exercício, faremos uma retomada dos objetivos desta tese.

Tomando como base a ideia de que a presentificação que os sujeitos fazem de si mesmos no Facebook pode ser equiparada à enunciação linguística (BENVENISTE, 2006) ao instaurar um eu a partir do qual a realidade é moldada, partimos em busca do percurso que efetiva essa presentificação no lugar virtual, elucidando seus principais aspectos.

O primeiro deles diz respeito à constituição da fachada. Nesta etapa, observamos, nos perfis coletados, como aparência e maneira são manipuladas no intuito de dar forma a um projeto enunciativo de si mesmo, criando a face do eu virtual. Para este objetivo, foram analisadas, conforme dito anteriormente, a foto de capa e a apresentação que os usuários fazem de si mesmos na rede social.

No segundo momento, uma vez estabelecida a fachada social, o eu virtual efetiva sua presença ao interagir com a plateia, constituída por aqueles que efetivamente acessam o conteúdo bem como por aqueles que formam uma plateia em potencial. Ambas as instâncias são consideradas pelo sujeito na hora de formular suas colocações. A interação entre o ator social e sua plateia põe em xeque a fachada engendrada, necessitando, portanto de monitoramento no intuito de sanar possíveis ameaças, tal labor pode ser feito de diversas formas, interessando a esta tese o investimento linguístico no intuito de neutralizar atos ameaçadores da face construída.

Por fim, nossa análise se volta para a repercussão do eu virtual diante de sua plateia. O capital social conquistado pelos conteúdos propagados pelo perfil revela a aceitação ou desinteresse da plateia em relação ao espetáculo apresentado. Nesse ponto, observamos como as reações e comentários obtidos por um determinado perfil, fortalecem ou desencorajam um projeto enunciativo. Feitas essas considerações, passemos ao primeiro objetivo.

### 6.1 A instauração do eu virtual por meio da fachada social

O quadro de referência pensado por Goffman (2011) para compreender as interações sociais do cotidiano evidenciou aspectos importantes do autogerenciamento empreendido pelos indivíduos no intuito de darem-se a conhecer pelos outros. Tal interação se



estabelece a partir do papel social escolhido e de como os elementos constitutivos da representação são utilizados. Essa dinâmica de interação está presente em praticamente todas as ações do ser social, é acionada a partir do momento em que ele se reconhece como ser inserido em um contexto maior, que o define.

Em contextos off-line, as pistas que evidenciam essa dinâmica de funcionamento da representação estão presentes nas situações, nas atitudes, na simbologia e em diversos outros aspectos das interações sociais, tendo em comum o fato de serem, a maioria deles, de natureza imaterial. As formulações que levaram o autor a compreender a interação social como um espetáculo protagonizado pelo ator social e assistido pela plateia são fruto da observação cuidadosa dos rituais que abrem, efetivam e encerram as ações desses seres em sociedade. Para flagrar esses microeventos da vida cotidiana, o sociólogo teve de inserir-se nos contextos, observando e interpretando as interações no momento em que ocorriam, sob pena de perder importantes nuances da situação.

Ao tratarmos das interações sociais no contexto virtual, alguns aspectos do quadro de referência são ressignificados. O que outrora era pressuposto ou sutilmente sinalizado agora precisa ser dito, mostrado e repetido, para que a representação seja minimamente coerente e convincente. As redes sociais são territórios promissores para a observação dessa dinâmica do espetáculo, pois foram projetadas de forma a dar suporte ao ator na construção de seu papel social. Essa especificidade dá ao indivíduo a possibilidade de desenvolver um projeto enunciativo de si mesmo, ressaltando ou ocultando os aspectos que julgar necessários. Em contrapartida, é importante que o ator seja proficiente no manejo das ferramentas oferecidas por estes sites e, principalmente, em suas apropriações feitas no intuito de convertê-las em mecanismos de autopromoção.

Nesta tese, ao voltarmos nosso olhar para as interações no meio virtual, pudemos seguir as pistas deixadas pelos atores na construção de seus espetáculos. Uma vez compreendida a sintaxe dos papéis sociais, foi possível não apenas observar, mas também circunscrever e apontar em quais unidades de sentido estavam contidas determinadas informações constitutivas do eu virtual.

As categorias pensadas por Goffman para a sistematização dos elementos que caracterizam um ator dentro do seu papel social foram tomadas neste trabalho no intuito de elucidar como essa mesma ação se dá dentro da rede social. A fachada pessoal, e suas subcategorias (aparência e maneira) serviram de parâmetros para nossa análise na medida em

que desmembram a face construída e separam aquilo que é construção do próprio ator daquilo que é de domínio público, tendo sido apenas tomado por ele, como um figurino ou acessório.

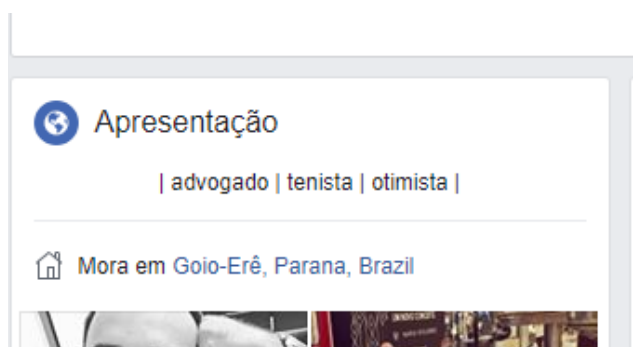
### ***6.1.1 Aparência***

Para Goffman (2011), à aparência correspondem “aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator” p. 31. Fazem parte dessa categoria os elementos socialmente reconhecidos como sinalizadores de um determinado status, dos quais o indivíduo se apropria para mostrar a que grupo social pertence. A respeito dessa categoria é importante frisar que sob seu domínio podem ser elencados apenas aspectos pertencentes à sociedade enquanto coletividade, não sendo relacionados, por exemplo, elementos inéditos criados pelo próprio autor ou totalmente desconhecidos da plateia.

Em nossa análise, consideramos a aba ‘Apresentação’ do Facebook, como unidade por meio da qual o ator social projeta sua aparência para a plateia, revelando objetivamente informações relevantes na construção do status que deseja apresentar como seu. É nesse espaço que o eu virtual sinaliza, por exemplo, o grau e a trajetória de seus estudos, bem como seu percurso no mercado de trabalho. Alguns optam ainda por especificar cargos, tais como fundador, gerente, proprietário, entre outros.

A atitude de incluir em seu perfil pessoal o nome de uma empresa ou uma função já ocupada vai ao encontro da noção de aparência, elaborada pelo autor, uma vez que elementos simbólicos de domínio público são deliberadamente adicionados ao projeto enunciativo do usuário, no intuito de preenchê-lo com sentidos socialmente reconhecidos. Esse movimento pode ser percebido tanto na simples menção ao local de trabalho, como, e principalmente, na função exercida. É como se o eu virtual enunciasse que deseja ter a aparência de – e em seguida preenchesse esse espaço com a imagem social que deseja evocar para si. A partir daí, a plateia poderá enxergá-lo com a aparência social evocada, conforme a figura 12:

Figura 12 - Apresentação\_T1\_P12

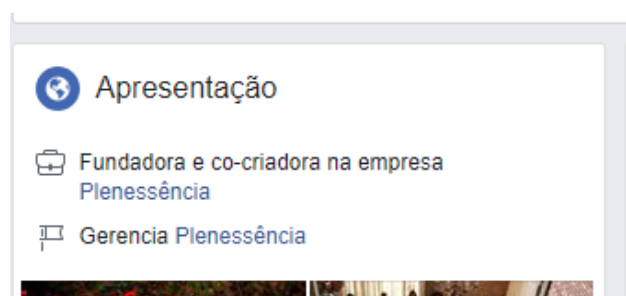


Fonte: Facebook.com

Na imagem acima, temos o usuário T1\_P12, que se apresenta por meio de uma profissão, um esporte e um traço de personalidade, respectivamente. T1\_P12 optou por elencar ele mesmo os componentes de sua aparência social, não utilizando o preenchimento por meio do próprio Facebook, que oferece diversas opções de respostas, cabendo ao indivíduo apenas escolhê-las. Essa opção revela um maior investimento discursivo no intuito de ressaltar uma idiossincrasia, na qual o eu virtual procura inovar na forma de apresentar-se, embora faça uso de elementos socialmente compartilhados (advogado, tenista, otimista). A inclusão de um aspecto subjetivo (otimista) na apresentação também sinaliza um projeto enunciativo mais centrado no indivíduo, embora todo esse investimento discursivo tenha por objetivo a apreciação da plateia.

Diferente da situação acima, na figura 13, temos um caso em que o eu virtual constrói sua aparência a partir dos elementos fornecidos pela rede social:

Figura 13 – Apresentação T3\_P2



Fonte: Facebook.com

A apresentação da usuária T3\_P2, apesar de curta, convoca elementos que acrescentam uma considerável carga de sentido à imagem que deseja fazer de si mesma. Além de fundadora e co-criadora de uma empresa, o que já lhe confere aspectos de liderança,

criatividade e empreendedorismo, a usuária optou por mencionar o nome da empresa na qual está envolvida, o que trouxe uma dose extra de sentido ao quadro, uma vez que a palavra Plenessencia nos remete ao ideal de plenitude e de desenvolvimento pessoal que, por sua vez, estão ligados ao propósito e à identidade d'O Lugar.

Houve também apresentações nas quais os usuários optaram por não elaborar ou não exibir sua apresentação, conforme a figura 14:

Figura 14 – Perfil T1\_P9



Fonte: Facebook.com

Nos casos como o da figura acima, embora a aparência não tenha sido construída segundo os padrões oferecidos pela rede, é possível apreender, de outro elemento do perfil, um índice que aponta para um papel social e que pode ser reconhecido como um traço da aparência que o eu virtual deseja projetar para o público. Neste caso, a usuária T1\_P9 apresenta-se como mãe, ao divulgar a imagem de uma criança, que aparece sozinha na foto de capa, e em seus braços, na foto do perfil.

Nossa observação dos dados revelou que, dos 78 perfis que compunham o *corpus*, 11 não ofereciam informações na seção de apresentação. A maioria dos perfis foi construída sinalizando um papel social que o eu virtual ocupa e que é parte fundamental de sua imagem, uma vez que fica sempre visível para a plateia.

É importante ressaltar que, a própria configuração dada pelo Facebook para esse conteúdo é estratégica no sentido de ser uma parte sempre visível do perfil, mesmo quando descemos a barra de rolagem da página e observamos conteúdos antigos compartilhados pelo usuário. O funcionamento deste recurso gera um efeito de sentido que confere uma impressão de estabilidade ao eu virtual, revelando que nem tudo é fluido na rede social. Embora seja possível viajar no tempo e revisitar aquilo que foi dito/postado por aquele perfil à medida que se movimentam a linha do tempo (eis aí o porquê dessa denominação), a impressão que fica é que os conteúdos que surgem vão sendo ditos por um sujeito fixado no momento da leitura, cuja apresentação, o nome e a foto permanecem visíveis na tela enquanto navegamos. Não importa quantas faces o eu virtual tenha apresentado antes, a face que fala à plateia é sempre aquela fixada no instante da leitura. Cada vez que, por exemplo, o perfil muda sua apresentação ou foto de capa, todo o conteúdo postado anteriormente passa a ser enunciado por essa nova construção, gerando assim uma atualização desse conteúdo no que diz respeito a seu enunciatador.

Esse aspecto da aparência do eu virtual na RSI nos remete ao que afirmam Flores *et al.* (2009) sobre o tempo e a instância de discurso: “é o momento sempre presente em que o “eu” fala de acontecimentos passados ou futuros. Trata-se de um presente implícito não assimilável ao presente gramatical (p.142)”. De certa forma, o presente do eu virtual é dado na verdade pela plateia, pois é a partir do olhar do(s) outro(s), que o eu e toda a sua instância de discurso serão materializados, atualizando-se a cada nova interação da plateia com o perfil.

Não obstante essa especificidade temporal da presentificação, há ainda uma outra possibilidade de estabelecimento da aparência do eu virtual, que são os casos nos quais o sujeito se apresenta a partir do apanhado de posições e experiências acadêmico-profissionais que acumula, fazendo de sua apresentação uma linha do tempo à parte. A opção por esse padrão de apresentação, presente em 64 dos 78 perfis que compõem o *corpus* parece dar contornos mais firmes ao projeto enunciativo oferecido pelo ator à sua plateia, revelando que aquele que se postula não o faz de um único lugar social, mas sim de todos aqueles que já ocupou, conforme nos mostra a imagem abaixo:

Figura 15 – Apresentação T1\_P10



Fonte: Facebook.com

Na figura acima temos um perfil em cuja apresentação a usuária listou sua trajetória acadêmico-profissional, além de divulgar um empreendimento pessoal, colocando-se nos papéis de ex-bancária, artesã e empresária. Além disso, é possível saber, pela apresentação feita, que usuária possui nível superior. A opção por esse padrão de apresentação revela um maior esmero por parte do eu virtual na construção de sua aparência, lugar social do qual partirão suas ações na RSI e que lhe dará respaldo e legitimidade.

Nossas observações acerca da aparência enquanto elemento constitutivo da fachada pessoal dos atores no Facebook revelou diferentes padrões de apresentação, nos quais os sujeitos gerenciam e revelam à plateia aspectos específicos de sua trajetória acadêmico-profissional no intuito de serem apreciados a partir dos papéis sociais aos quais se conectam. Assim como nas interações face a face na vida cotidiana, os papéis sociais são artefatos socialmente construídos e facilmente reconhecíveis, não havendo espaço para muito

investimento criativo ou confessional. As idiossincrasias e construções identitárias particulares relacionam-se a outro aspecto da fachada pessoal que abordaremos a seguir.

### ***6.1.2 Maneira***

Diferente dos aspectos socialmente construídos e compartilhados que definem a aparência, segundo Goffman (2011), a maneira é a nuance do eu virtual na qual são convocados “os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima” p.31. Nas formulações originais do autor, à maneira corresponderia aquilo que é particular ao ator no momento da interação, não fazendo parte de roteiros socialmente pré-estabelecidos, tais como o sotaque, o tom de voz, a gesticulação, os chistes, a negociação de turnos numa conversação, entre outros.

Ao aplicarmos o quadro de referência dramaturgica às construções identitárias na rede social Facebook, reconhecemos como correspondentes àquilo que o autor chamou de maneira aspectos idiossincráticos postulados pelo eu virtual. Dessa forma, a fachada do eu virtual presentificado na RSI é composta pelos elementos socialmente reconhecidos (aparência) e pela maneira, à qual associamos os investimentos pessoais do ator no intuito de incrementar sua fachada no momento da interação. São exemplos desse tipo de investimento desde a elaboração de uma frase, à listagem de características pessoais e até a inserção de símbolos que, de alguma forma, o sujeito associa a imagem que deseja fazer de si mesmo e que o destacam em meio aos demais. Assim como a aparência, a maneira se materializa nas partes do perfil imediatamente visíveis para a plateia no momento da interação.

Nesta tese, a princípio, optamos por considerar como representante da maneira apenas a foto de capa selecionada pelos atores para figurar em seus perfis, porém, o exercício analítico revelou que aspectos verbais também são mobilizados com esse mesmo intuito. Esses aspectos foram identificados ainda na seção de apresentação, quando analisávamos as formas de construção da aparência. São frases, palavras soltas, citações e símbolos que os sujeitos adicionam à seção de apresentação no intuito de dizerem algo sobre si mesmos que vá além do papel social pré-estabelecido. Esse investimento discursivo na construção de si revela uma preocupação no sentido de diferenciar-se dos demais, conforme o exemplo a seguir:

Figura 16 – Perfil T4\_P1



Fonte: Facebook.com

Na figura acima, observamos uma construção de fachada que abdica dos papéis sociais relacionados à vida acadêmico-profissional e se volta para aspectos idiossincráticos do eu. Ao dizer de si “je ne suis pas infame, je suis une femme”<sup>28</sup>, a autora relaciona-se com a plateia de uma maneira peculiar, falando de si mesma não apenas aquilo que é dito, mas também pela forma como é dito. O trocadilho em francês parece muito espirituoso e agrega valor à construção discursiva, assim como a foto de capa que remete a um personagem masculino da saga Star Wars, apresentado na imagem travestido de Marilyn Monroe, na famosa cena filme *O Pecado Mora ao Lado*, na qual o vestido da atriz é levantado pelo vento no metrô.

Os investimentos discursivos feitos pela dona do perfil dão à sua imagem virtual uma carga extra de sentidos que os papéis sociais pré-estabelecidos não ofereceriam. É dessa forma que a maneira é manipulada nas interações virtuais, trazendo para o projeto enunciativo do eu virtual nuances cuidadosamente escolhidas pelo ator, no intuito de enriquecer seu espetáculo.

A livre escolha de aspectos constitutivos da fachada nem sempre é bem-sucedida. Diferentemente daquilo que é reconhecido pela sociedade como detentor de prestígio, e

<sup>28</sup> Eu não sou infame, eu sou uma mulher, tradução nossa.



relacionado à aparência, as escolhas no campo da maneira podem não fazer para a plateia, o mesmo sentido que fazem para o ator social. Vejamos o exemplo a seguir:

Figura17 – Perfil T2\_P8



Fonte: Facebook.com

Por ser de elaboração do próprio autor e não fruto das opções oferecidas pela rede, associamos à maneira o texto presente na apresentação do perfil acima. Ao optar por adicionar à sua apresentação os versos de uma música, o ator social toma para si a narrativa do texto musical e se coloca como o eu lírico da canção. Ao dizer “eu entendo as recalcada que me ofendeu, se eu fosse elas também queria ser eu”<sup>29</sup>, procura elevar seu valor social, apresentando-se como alguém digno de inveja e alvo de ofensas ocasionadas pelo recalque de terceiros. Polivanov (2012) ao analisar os perfis dos sujeitos envolvidos com a música eletrônica, atribui à performance de gosto um papel importante na construção dos projetos enunciativos desses atores. Em seu estudo, a autora revela que marcas, produtos e gostos pessoais por vezes são publicizados no intuito de construir uma imagem de si ou incluir o sujeito em um determinado

<sup>29</sup> Fale de mim, MC Melody

grupo. A citação de um verso de música de sucesso relacionada ao universo do funk, revela um pouco do gosto pessoal do sujeito, autoriza confabulações a respeito de sua personalidade.

As performances de gosto associadas à maneira estão presentes na maioria dos perfis analisados, principalmente através das fotos de capa, onde os sujeitos revelam seus gostos pessoais não apenas no que diz respeito ao consumo, mas principalmente à sua maneira de pensar e agir no mundo. Nessas categorias incluímos, por exemplo, as práticas relacionadas ao desenvolvimento pessoal, tais como meditação, reflexão e contemplação da natureza, conforme nos mostram as figuras, a seguir:

Figura 18 - Perfil T2\_P6



Fonte: Facebook.com

Na imagem acima temos uma foto de capa na qual aparece Buda, símbolo de sabedoria, compaixão e renúncia material, preceitos que regem o budismo, corrente de pensamento de origem oriental, muito difundida no Brasil. Ao apresentar essa imagem como sua foto de capa, o eu virtual busca agregar ao seu projeto enunciativo valores relacionados à elevação espiritual e a tudo aquilo ao qual a figura remete. É uma forma de direcionar o seu papel nas interações, construindo um lugar a partir do qual se fala, e que, antes mesmo de se pronunciar, já diz algo sobre si mesma.

Figura 19 – Perfil T2\_P19



Fonte: Facebook.com

Assim como a figura 18, a figura 19 também constroi um lugar a partir do qual o eu se pronuncia, já falando de si mesmo. O contato com a natureza, a escolha das cores, a posição de yoga, são índices que relacionamos à maneira, e sua natureza idiossincrática, fugindo daquilo que é socialmente reconhecido e compartilhado e aproximando-se daquilo que é individual e conscientemente agregado ao eu virtual.

Entretanto, as fronteiras entre aparência e maneira nem sempre são tão nítidas. As apropriações das *affordances* feitas pelos usuários do Facebook colocam a serviço do espetáculo recursos projetados para os mais diferentes fins, permitindo que elementos relacionados a essas duas categorias se entrecruzem, originando uma área de intersecção, na qual o sujeito constroi seu papel social sem abrir mão de suas escolhas pessoais.

Na imagem abaixo, por exemplo, a usuária utilizou o espaço da foto de capa para divulgar um empreendimento pessoal relacionado à meditação, construindo uma imagem de si que tanto convoca o papel social do empreendedor, quanto o valor pessoal da evolução espiritual e busca interior.

Figura 20 – Perfil T3\_P2



Fonte: Facebook.com

Mais uma vez, elementos que remetem ao budismo e à meditação são convocados para construir o lugar de interação a partir do qual o eu fala de si e misturam-se à aparência que a atriz constrói para si.

Conforme revelam os perfis apresentados até aqui, em nossa análise, chamou-nos a atenção a grande incidência de projetos enunciativos ancorados em elementos que fazem referência ao budismo, à meditação, à reflexão e à contemplação da natureza. É recorrente a construção de fachadas que remetem à jornada interior dos sujeitos, que se apresentam como seres em evolução, empenhados em mostrarem-se como tal. A recorrência desse projeto enunciativo relativamente estável está intimamente ligada às escolhas feitas durante a seleção do *corpus*, quando tomamos como ponto de partida a fanpage O Lugar, que tem como principal temática o desenvolvimento interior e seus desdobramentos.

A análise da construção de fachadas pessoais à luz das categorias elencadas por Goffman (2011) revelou uma manipulação consciente dos recursos enunciativos disponibilizados pela rede social no sentido de dar forma à face do eu virtual tanto no que diz respeito ao papel social por ele ocupado quanto ao lugar a partir do qual este entrará nas interações. Identificamos investimentos enunciativos tanto no preenchimento da seção de apresentação, quanto na escolha da foto de capa. Os investimentos vão desde a reprodução de uma frase de efeito, até a gravação de uma imagem de 360° do topo de uma montanha, tudo parece valer para sofisticar a face do eu virtual.

Uma vez construída a face, o eu virtual se lança diante de sua plateia, e as interações oriundas desse encontro serão analisadas a seguir

## 6.2 A polidez linguística como mecanismo protetor da fachada social

A concepção de sujeito adotada pela Pragmática Linguística pressupõe um falante autônomo, consciente e diligente em suas interações, capaz de posicionar-se em relação ao outro, projetando uma imagem de si que se molda ao sabor da conversa e do contexto, antecipando-se e reagindo às atitudes de seu interlocutor. Os esforços do sujeito no intuito de manter a linha ou coerência expressiva em suas interações, constituem o que Goffman (2011) denominou de *face work*. É desse labor que emergem também as noções de face, proteção e ameaça, sistematizadas por Brown e Levinson (1987).

Essa noção de sujeito autônomo e consciente, aliada ao aparato terminológico elaborado para explicar a preservação de faces, contribuíram para a adoção, nesta tese, da teoria da polidez linguística como mecanismo pelo qual o eu virtual calibra suas interações com a plateia, administrando possíveis ameaças que esta pode representar para seu projeto enunciativo de si mesmo. Dessa forma, o sujeito da Pragmática se assemelha ao eu virtual na medida em que investe em si mesmo, esforçando-se para manter a face construída e interagindo de maneira consciente com a sua plateia, reformulando-se quando necessário.

Além disso, a natureza ambivalente dessa teoria, que considera tanto aquilo que é linguístico (textual), quanto aquilo que é extralinguístico (contextual), possibilita que consideremos as especificidades da rede social e sua influência nas dinâmicas de interação. É possível analisar, por exemplo, sob a denominação de contexto, o ambiente no qual a mensagem foi divulgada, as edições feitas no texto, a repercussão atingida por ele, entre outras nuances.

O meio virtual dispõe de diferentes recursos para esmerar as interações entre os atores sociais, procurando compensar a ausência de interação face a face. A utilização desses recursos deixa marcas que ficam impressas na materialidade dos dados da rede social, permitindo que o pesquisador siga essas pistas e reconstrua o espetáculo, em seus aspectos textuais e contextuais. O eu virtual, assim como o sujeito da interação pragmática, faz escolhas e toma atitudes no sentido de garantir o sucesso de seu projeto e preservar a sua face, conforme veremos a seguir.

Antes de iniciar a análise dos comentários direcionados às postagens matrizes do *corpus*, retomaremos, com o intuito de orientar nossa interpretação dos dados, o quadro 1, no qual sistematizamos aspectos referentes ao desmembramento da face bem como aos atos que ameaçam esse construto:

Quadro nº1 – Desmembramento da face, segundo Brown e Levinson (1987)

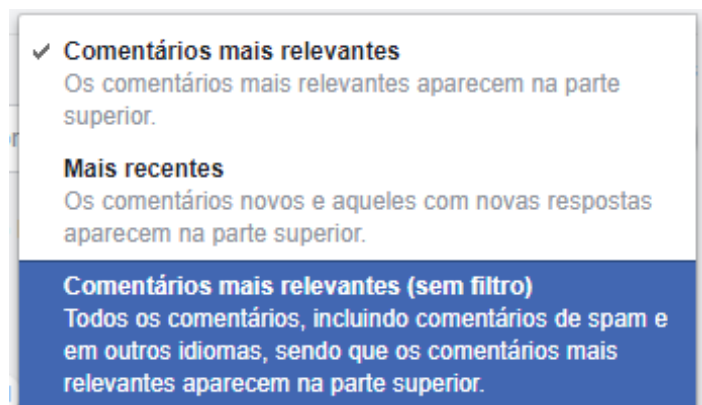
<b>Face Positiva</b>	Imagens de si Autocontemplação	Oferta	Polidez positiva
<b>Face Negativa</b>	Território físico Bens intelectuais	Negação	Polidez negativa

Fonte: elaborado pela autora

As noções de face positiva e face negativa, e as nuances a ela associadas serão convocadas neste exercício de análise, considerando as relações acima expressas.

A exibição dos comentários nas postagens do Facebook pode ser visualizada de três formas:

Figura 21 – Exibição de comentários no Facebook



Fonte: Facebook

Quando a postagem acumula muitos comentários, para otimização da leitura e organização do espaço, o Facebook aplica filtros de exibição desse conteúdo em função das variáveis apresentadas na figura 21. Nas postagens matrizes analisadas nessa pesquisa, optamos pela visualização dos comentários sem filtros, decisão intimamente ligada à seleção dos sujeitos analisados e aos mecanismos de polidez aplicados por eles nas interações observadas.

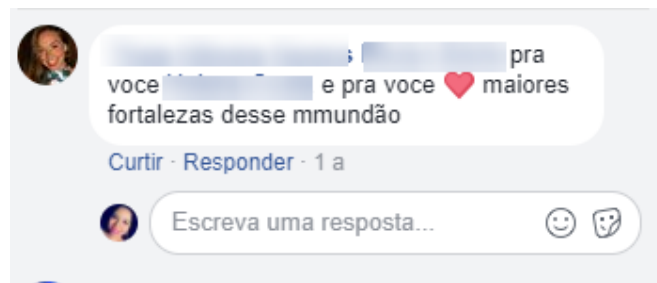
Nesta análise, consideramos os comentários feitos pelos sujeitos da pesquisa nas postagens da fanpage O Lugar, conforme explicitamos na metodologia. Os comentários foram analisados em busca de elementos textuais e contextuais que remetessem ao *face work* do eu virtual na preservação e aperfeiçoamento da fachada construída para si. Assim como na análise das fachadas, os comentários foram nomeados de acordo com a postagem e com o perfil ao qual estão associados. Dessa forma, o comentário feito pelo perfil 2, na postagem T3, recebeu o nome de T3\_P2\_C.

Como defendido ao longo de nossa exposição, a presentificação do eu virtual na RSI é constituída pela fachada e mantida pelos esforços do ator social no intuito de proteger e

fortalecer esse construto, tal fortalecimento pode ser feito por meio dos esforços do próprio perfil, a partir dos investimentos na aparência e na maneira analisados na seção anterior, ou a partir das interações positivas entre o ator e sua plateia.

Dentre as especificidades observadas nas interações contidas nos comentários feitos pelos sujeitos da pesquisa nas postagens matrizes, chamou-nos a atenção o fato de grande parte delas conter o recurso de marcação de outros perfis. Os usuários escrevem seus comentários apreciando os conteúdos e convocando outros sujeitos para a conversa ou apenas convocando, sem emitirem juízo de valor sobre o conteúdo.

Figura 22 – Comentário T1\_P4\_C

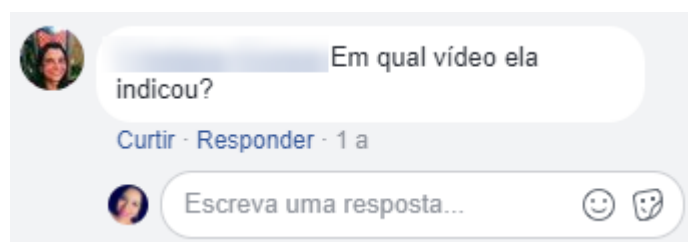


Fonte: Facebook.com

A marcação de outros sujeitos por meio do comentário de um conteúdo aproxima-se do que Brown e Levinson (1987) elencaram como atos ameaçadores da face negativa, uma vez que remetem à entrada do eu no território do outro, ao convocá-lo para uma interação da qual ele dificilmente poderá esquivar-se. Esse investimento gera uma leve na tensão na conversa, pairando no ar a possibilidade de o convite não ser aceito e o eu virtual ficar sem resposta, como aconteceu com o comentário acima, segundo a rede social, postado há um ano.

Semelhantes, porém, menos ameaçadores, são os comentários nos quais o sujeito faz perguntas e inicia uma conversação sem um interlocutor específico, aguardando que alguém da plateia o responda, conforme a figura a seguir:

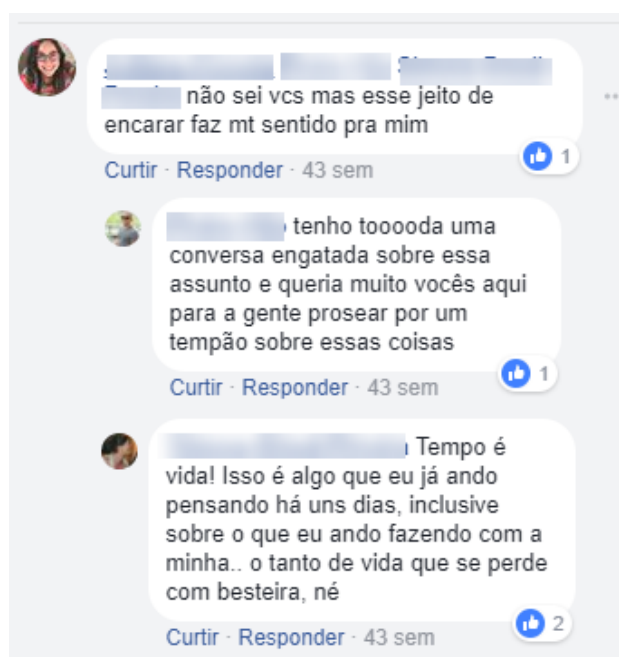
Figura 23 –Comentário T1\_P5\_C



Fonte: Facebook

A ausência de um interlocutor específico diminui o dano à face positiva do eu virtual, uma vez que não se configura uma ausência de resposta prototípica como o ocorrido na Figura 22. Em contrapartida, apesar da ameaça à face negativa que o convite representa, há casos em que a interação de fato foi estabelecida e bem-sucedida, fortalecendo a presentificação e firmando a face que o sujeito procurou construir. Vejamos o exemplo abaixo:

Figura 24 – Comentário T2\_P5\_C



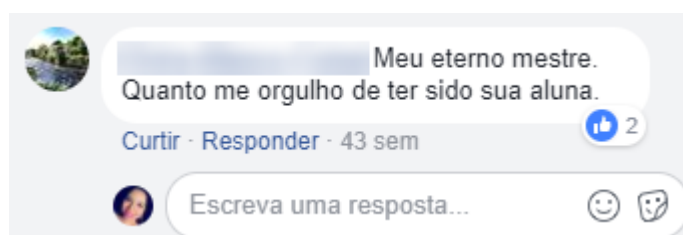
Fonte: Facebook

Nesta interação, temos uma conversa que se estabelece a partir do momento em que a usuária convoca outros sujeitos para apreciarem a postagem T2 e esses respondem ao chamado escrevendo respostas que validam o que foi dito.

Apesar da natureza interativa da presentificação, o eu virtual por vezes age como plateia e emite julgamentos acerca de si mesmo, procurando agregar valor ao seu projeto enunciativo. Essas ações são planejadas em função do contexto, conforme revela o comentário a seguir, postado em ocasião do falecimento de Antônio Cândido (T2).



Figura 25 – Comentário T2\_P2\_C

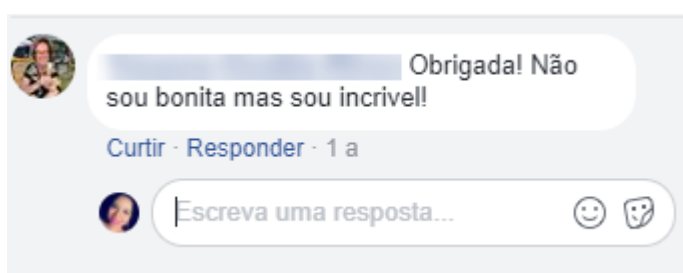


Fonte: Facebook

No comentário acima, a usuária faz questão de revelar ter sido aluna do escritor, gesto que associamos à necessidade de agregar valor positivo à face projetada nessa interação. Não é possível afirmar com certeza, mas acreditamos que as duas curtidas recebidas pelo comentário podem ter sido conquistadas justamente por conta dessa revelação.

Falar de si é uma estratégia que, apesar de não correr o risco de interferências exteriores, ainda assim pode dar errado, ameaçando a face do ator, em vez de fortalecê-la. Há casos em que o próprio sujeito deprecia a si mesmo, sem motivo aparente, conforme o exemplo abaixo:

Figura 26 - Comentário T1\_P6\_C

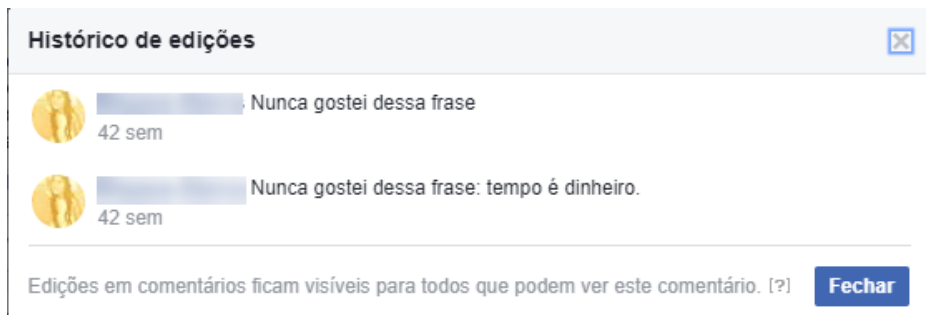


Fonte: Facebook

No comentário acima não fica claro se T1\_P6 tentou dirigir-se a alguém específico ou se realmente teve a intenção de falar com a plateia em potencial. Além disso, não é possível precisar a razão do comentário autodepreciativo, seguido de uma espécie de compensação, atitudes que, juntas, transformam o comentário em um curioso ato ameaçador da face do eu virtual emitido pelo próprio eu virtual.

Enquanto uns proferem enunciados confusos gerando prejuízo a sua própria imagem, outros gerenciam cuidadosamente suas interações, garantindo que seus comentários sejam claros e assertivos, sem deixar margem para mal-entendidos. Graças ao recurso do histórico de edição, pudemos flagrar esse labor do eu virtual, claramente direcionado para a manutenção da sua face positiva:

Figura 27 – Edição de comentário T3\_P6\_C



Fonte: Facebook.com

A edição feita pelo sujeito em seu comentário vai além da mera correção gramatical, conferindo objetividade ao conteúdo e evitando que seu enunciado fosse mal interpretado.

Entretanto, nem sempre os esforços do sujeito são suficientes para atenuar as tensões da interação. Por vezes a divergência de pensamento é clara não sendo possível o disfarce, conforme a imagem a seguir:

Figura 28 – Comentários T2\_P33\_C



Fonte: Facebook.com

Na postagem acima, temos uma interação curiosa, na qual P33 convoca, a partir do mecanismo de marcação de perfis, um outro usuário que tece um comentário acerca do conteúdo da postagem e com o qual P33 parece não concordar, conforme explicita seu

comentário resumido a uma única letra, seguido de outro, dessa vez representado por um *emoticon* não menos enigmático. Em seguida, como que para pôr fim à polêmica gerada por ela mesma, P33 escreve um último comentário, no qual enaltece o texto, ignorando totalmente a apreciação feita pelo perfil que ela mesma convidou. Apesar de tratar-se de uma conversa entre dois sujeitos, é notório o fato de que nenhum dos comentários foi curtido, fato que, atrelado ao conteúdo desconexo da interação, revela que a tensão, neste caso, foi maior que a apreciação.

Esse tipo de rusga social não é exclusivo do meio virtual, uma vez que estamos sujeitos a mal-entendidos ou discordâncias em qualquer contexto de interação, embora na internet disponhamos de uma gama maior de mecanismos de defesa ante a esse tipo de ameaça às faces. É o que acontece, por exemplo, com os *emojis* ou *emoticons*, elementos visuais cuja finalidade é expressar emoções humanas sem a necessidade de uma descrição verbal. No *corpus* analisado, encontramos algumas ocorrências desse mecanismo, às vezes sozinho, às vezes associado ao texto escrito. Acreditamos que, na dinâmica de preservação de faces, o uso dos *emoticons* esteja associado à assertividade e à economia de caracteres, uma vez que permite que o eu virtual diga algo sobre si mesmo, sem precisar de palavras, tomando emprestada uma expressão que, naquele momento, será a sua. Vejamos a imagem a seguir:

Figura 29 – Comentário com emoticon T1\_P1\_C



Fonte: Facebook

Na imagem acima, em resposta ao conteúdo de T1, o usuário optou pelo emprego do *emoticon* em vez de expor seu ponto de vista. Acreditamos que o uso desse recurso esteja intimamente ligado à preservação de faces, uma vez que o manuseio da imagem dispensa a postagem escrita, livrando o usuário de preocupações quanto às interpretações que seu texto pode gerar, além do gerenciamento das edições e de outros comentários que podem ser atraídos pelo enunciado escrito.

Seguindo essa linha de raciocínio, não podemos deixar de mencionar as estratégias que envolvem o não enunciado, às quais relacionamos aqueles perfis que, embora tomem ciência do conteúdo, escolhem não interagir com ele, objetivando, assim, evitar possíveis tensões e conseqüentemente, ameaças à face construída. Dessa forma, o não dizer nada também se configura como um ato de preservação de faces.

Todos esses recursos e estratégias de interação do eu virtual com a sua plateia são postos em prática com o objetivo de preservar e fortalecer o projeto enunciativo a partir do qual o sujeito se presentifica na rede social. Apesar desses esforços, o sucesso da face só pode ser atestado e medido por meio do capital social que conquista, conforme debateremos na próxima seção.

### **6.3 Capital social e legitimidade**

Nossa incursão pelo universo das redes sociais em busca daquilo que instaura e presentifica o eu virtual nesse espaço levou-nos à observação de aspectos constitutivos e interativos desses sujeitos ao analisarmos a composição de suas fachadas e as estratégias de preservação mobilizadas para a proteção desses construtos. Agora, é chegado o momento de nos debruçarmos sobre um aspecto que o eu virtual não pode construir sozinho, pois ele não pertence ao ator nem à plateia, mas sim ao espetáculo.

As formulações de Bordieu (1980) acerca do capital social definem essa categoria como um valor simbólico gerado e consumido pelos atores, no interior da rede social. É válido ressaltar que as reflexões do autor foram forjadas levando em consideração redes offline, porém a apropriação desse conceito pelos estudos de RSI tem se mostrado promissora, conforme dito nos capítulos anteriores.

Ao planejarmos essa pesquisa, quando ela ainda tinha feições de projeto, pensamos no capital social como uma grandeza quantitativa, que seria numericamente mensurada, revelando o quanto desse valor simbólico determinado conteúdo teria atingido, embora não nos fossem desconhecidos seus aspectos qualitativos, tais como capital social de natureza estrutural, relacional e cognitiva (NAHAPIET E GHOSHAL, 1998).

Esperávamos encontrar números que validassem ou não os projetos enunciativos do eu virtual diante de sua plateia. Entretanto, foram as nuances qualitativas dessa categoria de análise que mais nos chamaram a atenção, revelando mais do que a monetização dos olhares da

plateia, e sim uma sólida relação de mutualismo, na qual o ator beneficia da rede e a rede beneficia do ator.

Nossa opção por contabilizar as reações, compartilhamentos e comentários dirigidos aos conteúdos postados pelos sujeitos da pesquisa ao interagirem com a fanpage do Lugar mostrou-se pouco representativa, pois, além de atingir índices de popularidade pouco expressivos, pareceu-nos por vezes distante do projeto enunciativo elaborado pelo sujeito para si mesmo. A sensação que tivemos era que se observava apenas um pequeno ponto, de uma faixa de terra enorme, não sendo possível, a partir desse ponto de vista, tecer considerações sobre o todo.

Tal impasse perdurou durante toda a coleta dos dados e só foi elucidar-se em ocasião da análise do primeiro objetivo da pesquisa. Ao seguirmos os rastros deixados pelos sujeitos ao comentarem as postagens da fanpage em questão, pudemos finalmente conhecer as fachadas que estes construíram para si mesmos. E qual não foi nossa surpresa ao identificarmos uma certa coerência expressiva que fez com que a maioria dos perfis seguissem a mesma linha enunciativa, apresentando maneiras e performances de gosto semelhantes.

Após analisarmos os elementos constitutivos dos perfis e observarmos aquilo que eles tinham em comum, considerando inclusive a página que tomamos como ponto de partida para a seleção desses dados, reconhecemos a presença do capital social cognitivo como linha a partir da qual foi traçada a coerência expressiva que une esses elementos sob a mesma bandeira. Tal fato nos permite reconhecer a fanpage do Lugar e seus seguidores (aqueles que efetivamente interagem por meio de comentários) como uma comunidade cujos valores e papéis sociais adotados pelos sujeitos criam um estereótipo de perfil que é reproduzido pelos atores sociais.

A associação entre página e seguidores gera uma relação dialética, na qual os sujeitos comentam, validam e compartilham os conteúdos propagados pelo Lugar, que, por sua vez, sugere temáticas, imagens de si, aparências, maneiras e performances de gosto que podem ser adotadas por aqueles que desejam se abrigar à sombra dessa comunidade. Além disso, ao propagar seus conteúdos, a fanpage oferece um espaço de interação seguro, no qual os sujeitos se apresentam, presentificando-se por meio do projeto enunciativo que escolheram, gerando capital social para página e usufruindo do capital social que ela agrega.

Em nossa análise, a foto de capa dos perfis observados destacou-se como elemento da fachada no qual se materializaram, com mais afinco, as referências às temáticas propagadas pela fanpage, conforme as imagens a seguir:

Figura 30 – Perfil T4\_P11



Fonte: Facebook.com

A meditação, a reflexão, a integração com a natureza (Figura 30) e o questionamento da realidade são alguns dos preceitos que norteiam as postagens e interações do Lugar no Facebook. A partir dos comentários feitos pelos sujeitos nos conteúdos propagados pela página, fizemos o caminho inverso e identificamos esses mesmos preceitos norteando também os projetos enunciativos dos atores sociais sobre si mesmos.

Figura 31 – Perfil T2\_P22



Fonte: Facebook.com

Apesar de não encontrarmos de forma representativa o capital social relacional mensurável nas interações dos sujeitos coletadas no *corpus*, damos este terceiro objetivo específico como atingido, uma vez que o capital cognitivo encontrado na fanpage e nos perfis dos sujeitos cumpre, a nosso ver, a mesma função de calibrar e legitimar a presentificação do

eu virtual, oferecendo-lhe parâmetros os quais seguir, uma plateia para a qual se apresentar e um espaço de interação seguro, um lugar para o eu virtual.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos no início do século XXI, a realidade virtual parece finalmente ter chegado, porém, ela não se apresenta como nos prometeram os filmes de ficção científica do século passado, com óculos de terceira dimensão, carros voadores ou roupas em plástico colorido. Essa realidade é sutil em aparência, mas implacável em abrangência. Diferente do que pensávamos, para acessá-la não é preciso muito, basta um aparelho celular e conexão com a internet. A partir disso, abre-se um infinito leque de possibilidades: informação, espaços, grupos, instituições, serviços, produtos e, principalmente, pessoas.

Assim como nos filmes futuristas, para ser e estar no espaço virtual, o indivíduo precisa projetar uma versão de si mesmo, a partir da qual poderá agir. Por conta disso, é necessário cuidado e perícia na execução desses papéis uma vez que as ações do espaço virtual possuem influência direta na vida real. Desse contexto, emergem normas, convenções que regem e possibilitam a presentificação e a interação dos sujeitos no lugar virtual. Nessa tese, procuramos elucidar algumas nuances dessas convenções, alcançando uma ínfima parte delas, uma vez que o objeto de pesquisa é recente, delimitado e em constante transformação.

A partir do objetivo geral que norteou esse exercício analítico (descrever as presentificações do eu virtual no Facebook considerando o estabelecimento de fachadas, a proteção de faces e os índices de capital social presentes nessa rede social), concluímos que a observação das presentificações do eu virtual na rede social Facebook revelou-nos a dinâmica de instauração da face a partir da qual o sujeito ancora sua presença no lugar virtual, interagindo com os outros, sua plateia, e encenando um espetáculo particular a partir do qual ele será reconhecido e avaliado pelos demais.

Nossa análise dos perfis relacionados à Fanpage O Lugar revelou-nos que a instauração do eu virtual se dá a partir da construção de uma fachada pessoal, dividida em aparência e maneira (GOFFMAN, 2011). Na primeira estão elencados aspectos relativos ao papel social que o ator representará em sua interação; na segunda estão reunidos os atributos pessoais mobilizados por ele para demarcar seu status na cena. No Facebook, para a movimentação desses valores são mobilizadas a seção de apresentação e a foto de capa, especialmente, ficando esses elementos ancorados em um tempo subjetivo que se atualiza a cada nova interação do ator com a plateia. Essas constatações contemplam o que propusemos como primeiro objetivo específico da pesquisa (analisar o estabelecimento de uma fachada social (GOFFMAN, 2011) como mecanismo pelo qual o sujeito instaura a si mesmo no universo



do Facebook). Possíveis desdobramentos deste trabalho podem debruçar-se sobre outros elementos pertencentes ao perfil virtual, buscando outras formas de estabelecimento da fachada do eu virtual.

Uma vez construída a fachada, é necessário protegê-la dos danos causados pelo desgaste diário das interações. Dessa forma, o eu virtual orchestra estratégias diversas de preservação de faces que assumem formatos diferentes quando transportadas para o meio virtual. Observamos também que, quando mal gerenciado, o eu virtual ameaça a si mesmo, proferindo enunciados confusos que terminam por ameaçar eles mesmos a face construída. Essas ponderações atendem ao que foi proposto, nesta tese, como segundo objetivo específico (explorar o uso da polidez linguística como mecanismo capaz de conferir coerência e estabilidade às fachadas sociais construídas pelos usuários do Facebook). Outro possível desdobramento para esta pesquisa no que diz respeito à preservação de faces, é o questionamento junto aos sujeitos, acerca do uso que fazem (se de fato o fazem) de estratégias para preservar o eu virtual das tensões geradas pelas interações sociais.

Como terceiro objetivo específico, nos propusemos a analisar a legitimação das presentificações dos usuários do Facebook com base nos usos que estes fazem do capital social construído na rede investigamos como o capital social era convertido em índices de validação do perfil virtual, dinâmica que, com a análise dos dados, mostrou-se materializada de outra forma. Percebemos que o capital social cognitivo atua como valor simbólico capaz de unir sob o mesmo propósito os usuários e a fanpage analisada, numa relação de mutualismo na qual ambos ganham e se fortalecem, gerando capital social que é produzido na rede para a rede. Possivelmente, uma análise mais voltada para os perfis e menos para a fanpage poderá revelar aspectos que ficaram ocultos para nossa análise.

A compreensão dessa sintaxe de conduta que norteia as ações do sujeito no lugar virtual revelou-se quando observada a partir do viés da enunciação linguística, conforme pensada por Benveniste (2006). A observação da presentificação e da interação do eu virtual no lugar virtual nada mais é do que uma constatação da premissa básica do autor ao afirmar que o homem existe na língua, uma vez que o fenômeno aqui analisado trata-se de uma manifestação linguística que, apesar da complexidade, atende ao nosso anseio primordial de existir.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, S. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, 2007.
- ARAÚJO, J. C. **Relendo metodologias na pesquisa em linguagem e tecnologia: 10 anos de estudo na UFMG e na UFC**. Relatório de Pós-Doutorado em Estudos Linguísticos, UFMG, 2012.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006.
- BOURDIEU, P. Le capital social. *In: Actes de la recherche in sciences sociales*. Vol. 31, jan. 1980. Disponível em <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_1980\\_num\\_31\\_1\\_2069](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069)>. Acesso em: 03 ago. 2017.
- BOYD, D.; ELLISON, N. Social network sites: Definition, history, and scholarship. Indiana: **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, online, out. 2007. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/full>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CAMPOS-DE-SOUSA, B. M. S. **A Polidez em entrevistas de falantes de língua portuguesa de Cabo-Verde e Timor Leste**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2016.
- COLEMAN, J. S. **Foundations of Social Theory**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
- COLVARA, L. F. **Tecnototemismo: a subjetividade em tempos tecnológicos**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- COSTA, R. R. **A interface como prática discursiva em redes sociotécnicas: um estudo no Youtube**. 176 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- COSTA, R. R.; COSTA, S. M. Corpos em campo: performance, visibilidade e impermeabilidade na apresentação do self de jogadores de futebol no Instagram. **Revista Linguagem & Ensino** (Online), v. 17, p. 677-704, 2014.

COSTA, S. M. **Tweet**: reelaboração de gêneros em 140 caracteres. 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

COSTA, S. M; ARAUJO, J. C. Intersubjetividade nos estudos de redes sociais: dissolvendo fronteiras. **Revista do GEL**, v. 11, p. 30-50, 2014.

DAHMER, A. **Quadrinhos dos Anos 10**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.

FERRAZ, M. C. F. Estatuto paradoxal da pele e cultura contemporânea: da porosidade à pele-teflon. XXII Encontro Anual da Compós. **Anais...** p. 1-12. Salvador: UFBA, 2013.

FLORES, V. N; ENDRUWEIT, M. L. A noção de discurso na teoria enunciativa de Émile Benveniste. **Revista MOARA**. n.38, p.196-208, jul./dez., 2012.

FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. (Org.). **Dicionário de linguística da enunciação**. Contexto: São Paulo, 2009.

FONTANILLE, J. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto. 2007.

FREIRE-FILHO, J. **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

FREITAS, M. L. T. **Narrativas de si em cena**: a dramaturgia das interações no Twitter. 148 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GENTIL, H. S. Individualismo e modernidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 8, nº 1, p. 83-101. 1996.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

\_\_\_\_\_. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. 14. ed. Petrópolis: Vozes. 2011.

GRICE, H.P. Lógica e Conversação. *In*: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. Vol. V. Campinas: edição do autor, 1982. p. 81-103.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação**. Princípios e Métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOMESU, F. C. **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2005.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LIMA NETO, V. **Um estudo da emergência de gêneros no Facebook**. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2014.

MAGALHÃES, A. S. **Social commerce no Brasil: uma perspectiva do usuário**. Tese (Doutorado em Economia) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo. São Paulo (SP), 2013.

MANCEBO, D. Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 22 (V. 1), p. 100-111. 2002. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000100011>>. Acesso em 28 Mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Globalização e efeitos de subjetivação. **Logos**. v. 7, n. 1, p. 57-62, 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14826>>. Acesso em: 28 Mar. 2017.

MARQUES, F. P. J. A.; MONT'ALVERNE, C. Twitter, Eleições e Poder Local: Um estudo sobre os vereadores de Fortaleza. **Contemporânea** (UFBA. Online), v. 11, p. 322-347, 2013.

MEUCCI, A.; MATUCK, A. A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais. **Comunicação, mídia e consumo: estética da cultura midiática**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 157-182, 2005.

MITOZO, I. B. **Participação e deliberação em ambiente online: Um estudo do portal E-Democracia**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Ceará, 2013.

NAHAPIET, J.; GHOSHAL, S. Social capital, intellectual capital, and the organizational advantage. **Academy of Management Review**, v. 23, n. 2, p. 242-266, 1998.

NEVES, L. M. W.; PRONKO, M. A.; MENDONÇA, S. R. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Disponível em: <<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/capsoc.html>> Acesso em 24 Mar. 2017.

OLIVEIRA, R.S. **A Representação do Self nas salas de bate-papo na Internet e a noção bakhtiniana de Carnavaização: uma perspectiva dialógica**. Tese (Doutorado em Psicologia

Cognitiva) – Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva. Universidade Federal de Pernambuco, Recife (pe), 2012.

PAIVA, V. L. M. O. A formação do professor para uso da tecnologia. *In: SILVA, K. A.; DANIEL, F. G.; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Org.). A formação de professores de línguas: Novos Olhares. v. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.*

PAIVA, V. L. M. O. Língua(gem) como sistema complexo e multimodalidade. **ReVEL**, v. 14, n. 27, 2016.

PELINSON, F. Usos dialetais e preconceito linguístico na telenovela “joia rara”. **Revista InterteXto**, v. 9, n. 1, dez. 2016. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/1394>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

POLIVANOV, B. B. **Dinâmicas de autoapresentação em sites de redes sociais: performance, autorreflexividade e sociabilidade em cenas de música eletrônica.** Tese. (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal Fluminense: Rio de Janeiro, 2012.

PRIOSTE, C. **Detox Digital**, Capítulo 3 (Saber escolher é ter poder). Disponível em <<http://contente.vc/detoxdigital/#cap3>>. Acesso em 06 Abr. 2017.

PUTNAM, R. D. **Bowling Alone: The collapse and revival of American community.** New York: Simon & Schuster, 2000.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, A. E. **Novas tecnologias para ler e escrever.** 1. ed. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

ROJO, R. H. R. (Org.) ; MOURA, E. (Org.) . **Multiletramentos na Escola.** 1. ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2013.

SA, S. P.; PALIVANOV, B. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Contemporânea | Comunicação e Cultura.** V. 10 – n. 03 – Set/Dez 2012. p. 574-596.

SANTAELLA, L. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. *In: PRIMO, A. Interações em Rede.* Porto Alegre: Sulina. 2013. p. 33-50.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, G. A. P. **Pragmática: a ordem dêitica do discurso: as representações do EU e seus efeitos de sentido.** Rio de Janeiro: ENELIVROS, 2005.

THEBALDI, B. O corpo, “espelho do eu” – A exteriorização no processo de formação da subjetividade contemporânea. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 18, n. 30, p. 116-126, 2013.